

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

JOSÉ IRAN DE FREITAS DE ARAÚJO

A AMIZADE EM ARISTÓTELES:

A amizade virtuosa como condição para a comunidade.

Teresina

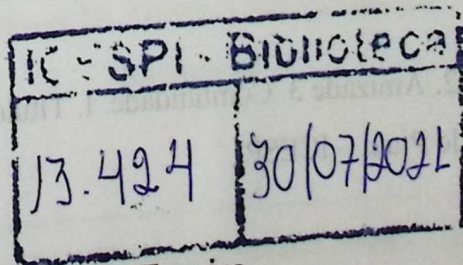
2017

JOSÉ IRAN DE FREITAS DE ARAÚJO

A AMIZADE EM ARISTÓTELES:

A amizade virtuosa como condição para a comunidade.

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de filosofia do Instituto Católico Estudos Superiores do Piauí para a obtenção do grau de licenciando. Sob orientação Professor Ma. Maria dos Santos Silva Lopes.



Teresina

2017

ARAÚJO, José Iran de Freitas de.

A Amizade em Aristóteles: A amizade virtuosa como condição para a comunidade / José Iran de Freitas de Araújo – Teresina – PI, 2017.50p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, 2017.

Orientadora: Professora Ma. Maria dos Santos Silva Lopes

1. Filosofia 2. Amizade 3. Comunidade. I. Título – Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI.

DEDICATÓRIA

A Deus, por ter me dado força e coragem para concluir essa monografia.

Ao meu bispo emérito da Diocese de Parnaíba Exmo. Rev. Dom Alfredo Schaffler.

À Diocese de Parnaíba na pessoa do seu bispo Exmo. Rev. Dom Juarez Sousa e Silva.

Aos meus pais, pelo incentivo, pelo apoio que sempre me deram ânimo para continuar.

Aos meus irmão e amigos que comigo trilham esse caminho.

AGRADECIMENTO

A Deus, pelo dom da vida.

*À minha família, pela força e incentivo, na pessoa do meu pai Pedro Lima de Araújo que deixou saudade e lembranças, que Deus o tenha e de minha mãe Maria do Livramento de Freitas sua preocupação e carinho que levo para minha vida pessoal.
Aos meus irmãos Arlan Araújo, Orlando Araújo, Renato Araújo e minhas irmãs Regina Araújo e Vanda Araújo por tamanho apoio e carinho.*

À Dom Alfredo Schaffler, bispo emérito de Parnaíba pelo testemunho e incentivo para com as vocações;

Ao Padre Eduardo, pelo exemplo de serviço e amor dedicado a Santa igreja e tanto que mim incentivou;

Aos queridos amigos que compartilham comigo felicidade e tristeza, em especial Bernardo, Euler, Jair, Leonardo e Neto sei que posso contar com vocês, obrigado por ouvir, rir e chorar comigo;

À Igreja do Piauí, aos meus formadores em especial Pe. Aerton Marcos com quem o diálogo é sempre inspirador;

Ao amigo Gabriel pela solicitude que teve para comigo emprestando seu notebook para que eu pudesse iniciar meu projeto monográfico.

Aos irmãos de seminário mais próximo que me ajudaram ao longo dessa caminhada no crescimento da vocação.

Ao irmão Estevão Prondi e demais que corrigiram a ortografia da minha monografia

Aos formadores do seminário Dom Edilberto Dinkelborg pelo incentivo e ajuda na formação

À Irmã Santinha pela ajuda na construção da minha Monografia como minha orientadora

À Professora Elisângela Amaral por sempre está me incentivando na pesquisa e correção da monografia.

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem uma ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmo. Assim, a amizade depende mais do amar do que ser amado, pois o amar parece ser a virtude característica do amigo, de modo só aqueles que amam são amigos duradouros.

(Aristóteles)

RESUMO

A presente monografia tem como propósito apresentar a compreensão de Aristóteles a respeito da amizade, averiguando o entendimento da amizade virtuosa para se verificar que essa virtude pode conduzir as pessoas para uma vida boa na comunidade. Tendo em vista que o estudo realizado teve como base os livros VIII e IX da obra *Ética a Nicômaco*. Neste trabalho mostramos a amizade, como um fio condutor da virtude para uma comunidade, pois ela que conduz o indivíduo para essa vida virtuosa na comunidade. Para compreender o seu verdadeiro significado faz-se indispensável uma abordagem sobre a virtude na qual é determinada como um hábito, posteriormente foi feita uma análise acerca da amizade. Pois, segundo Aristóteles a amizade é uma virtude e se apresenta como essencial à vida homem na comunidade pois, ela que pode levar as pessoas a felicidade. Ao passo que ele conceituou o amigo como sendo aquele que deseja e pratica o bem para interesse do outro. Mostramos como Aristóteles conseguiu através da amizade sair da vida prazerosa e alcançar a vida virtuosa da seguinte forma: a teoria das éticas das virtudes, os três níveis de amizade, e a amizade como condição para comunidade. Conclui-se que a amizade virtuosa é que direciona as pessoas a viverem bem na comunidade e levar.

PALAVRAS CHAVES: Aristóteles, Amizade, Virtude, Comunidade, Felicidade.

ABSTRACT

The purpose of this monograph is to present Aristotle's understanding of friendship, about of the understanding of virtuous friendship to check that this virtue can carry people to a good life in the community. in view of that the study was based on books VIII and IX of the work Ethics to Nicomachus. In this work we show friendship, as a guiding thread of virtue for a community, because it leads the individual to this virtuous life in the community. To understand its true meaning, it is essential to approach a virtue in which it is determined as a habit, an analysis of friendship has since been made. Because, according to Aristotle, friendship is a virtue and presents itself as essential to the life of man in the community, since it can lead people to happiness. While he conceptualized the friend as being one who wishes and practices the good for the interest of the other. We show how Aristotle achieved in friendship by getting out of the pleasurable life and attaining virtuous life as follows: the theory of virtue ethics, the three levels of friendship, and friendship as a condition for community. We conclude that virtuous friendship is what drives people to live well in the community and lead.

KEYWORDS: Aristotle, Friendship, Virtue, Community, Happiness

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AMIZADE COMO UMA VIRTUDE	13
2.1 A virtude como prática de amizade	13
2.2 A compreensão de amizade	18
2.3 Diferenciações entre amor, amizade e benevolência.....	21
3 SOBRE OS DIFERENTES TIPOS DE AMIZADES	25
3.1 A amizade com base na utilidade	25
3.2 Amizade com base no prazer	28
3.3 Amizade perfeita	31
4 AMIZADE COMO CONDIÇÃO DA COMUNIDADE	36
4.1 A comunidade para Aristóteles	36
4.2 A relação entre as virtudes	38
4.3 O papel das virtudes na comunidade	42
5 CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a amizade em Aristóteles constitui uma das discussões clássicas da ética filosófica. Desse modo, na obra *Ética a Nicômaco* nos livros VIII e IX, Aristóteles aponta que o conceito de Amizade tem caráter propriamente humano. Aristóteles é motivado por uma inquietação, que deu sentido a sua proposta ética. Ele questiona como viver bem, isto é, a busca da harmonia no ambiente comunitário saindo da amizade prazerosa à virtuosa. Em vista disso, que o ser humano é desafiado a viver em relação com o outro e com o meio. Existem, para Aristóteles, diversas maneiras de interação do homem com o seu semelhante, destacando sua grande felicidade em tecer laços de amizade. Sendo assim, como Aristóteles consegue ultrapassar o nível da vida prazerosa atingindo o nível da vida virtuosa na comunidade?

Neste trabalho, faremos uma reflexão sobre o caminho teórico, lançando luzes sobre a teoria de Aristóteles partindo da vida prazerosa em direção à vida virtuosa através da amizade. Nesta situação a função da amizade se torna um meio a ser alcançado, pois, ela necessariamente pode orientar à vida virtuosa. Para Aristóteles, pensar a amizade virtuosa na vida comunitária é possível, sobretudo quando se tem o desejo de preparar bem o homem, como um todo, levando em consideração todas as fases e dimensões da vida. Nesse sentido é que ele afirmou que o princípio responsável por guiar as escolhas humanas e conduzi-las para um bom fim na comunidade é o exercício das virtudes. Pois elas permitem ao homem deliberar corretamente e agir de forma virtuosa (RICKEN, 2008).

Observaremos que é a partir do exercício das virtudes que o homem na visão de Aristóteles pode alcançar a vida boa. Por esta razão a amizade tem o papel: aproximar os indivíduos de uma comunidade, para que eles vivam uma vida orientada pela virtude, por isso é fundamental que os homens obtenham uma relação de amizade perfeita. Dessa maneira, pretendemos neste aprofundar a reflexão sobre a amizade como ela pode ajudar o homem a sair da vida prazerosa e alcançar a vida virtuosa, tendo como base a obra *Ética a Nicômaco*. Como consequência pretendemos contribuir para melhor compreensão do agir humano e sobre a amizade enquanto virtude necessária para que isso ocorra. Demonstraremos, a capacidade de escolher viver bem na comunidade, enquanto disposição para se ter uma vida feliz.

Nessa apreciação, a partir do pensamento de Aristóteles concebe-se a amizade como uma virtude ou algo que implica virtude, sendo, sumamente necessária para a vida. Em seguida faremos uma análise das três espécies de amizade: amizade baseada na utilidade, no

prazer e na virtuosa. De modo consequente, avaliaremos a relação da amizade com a justiça, demonstrando a relevância da amizade para a comunidade e posteriormente a relação com a felicidade. O problema que aqui explicitamos é se o indivíduo pode passar da amizade prazerosa para uma amizade virtuosa e, se pode como isso se dá.

No primeiro capítulo, discorreremos sobre a explicação da amizade como uma virtude. Pois, para Aristóteles a amizade é uma virtude e é indispensável prestígio na vida do ser humano. Apresentaremos a virtude como uma prática da amizade, do modo que para adquirir a virtude é necessário ter o hábito de praticá-la de forma que ela nos conduza para o bem. Consequentemente, para se entender o conceito de amizade faz-se inevitável uma análise sobre a virtude e sobre a sua caracterização. O Estagirita concebe a ideia de duas espécies de virtudes, a intelectual e a moral, além desse esclarecimento ele demonstra que a virtude é um hábito a ser adquirido para alcançar uma vida virtuosa.

Demonstraremos a aproximação sobre a concepção de virtude e amizade, ao passo que Aristóteles evidencia a necessidade da amizade na vida do homem. Entretanto, a amizade é necessária para a boa convivência e o bem-estar. Apontaremos a distinção entre amor, amizade e benevolência. Segundo Aristóteles, o amor é menos importante que amizade, pois é um sentimento enquanto a outra é virtude, a benevolência segundo o Estagirita é o querer bem do amigo naquilo que constitui o seu próprio bem tendo reciprocidade a uma manifestação de amizade (EN, VIII, 1155b, 30-35).

O segundo capítulo é de singular importância nesse estudo, pois apresentaremos as três espécies de amizade, com base na utilidade, no prazer e na virtuosa. Para Aristóteles a amizade com base na utilidade manifesta-se quando as pessoas amam com fundamento na serventia de algum bem que as possa provir do outro, e na amizade prazerosa, as pessoas espirituosas amam pelo que é agradável e não pelo seu caráter, isto é, os amigos são alcançados com vista no prazer. Todavia, a amizade perfeita, é considerada como sendo aquela que existe entre pessoas boas, e de igual modo virtuosas, as pessoas que tem como base essa espécie de amizade fazem o bem em benefício um do outro, no entanto, a reciprocidade é uma característica muito importante para essa amizade.

No terceiro capítulo demonstraremos a amizade como condição da comunidade. Em vista disso, no primeiro tópico analisaremos a contribuição da amizade na comunidade, partindo do pressuposto que a amizade virtuosa nos demonstra uma relação muito implícita com a vida na comunidade do modo que ela conduz para o caminho do bom relacionamento com a comunidade. Todavia é indispensável que numa comunidade não haja um vínculo de

amizade virtuosa, porque a comunidade não é só unicamente um espaço de viver, mais um lugar onde as pessoas possam relacionarem-se virtuosamente através da amizade.

Elencaremos neste segundo tópico a relação entre as virtudes, do modo que elas contribuam na boa relação na comunidade, pois neste tópico faremos uma análise das virtudes da justiça com a amizade. Pois, essas virtudes possuem uma grande importância para uma vida virtuosa na comunidade. A amizade se torna relevante numa comunidade e ao mesmo tempo a justiça, porque ambas têm uma disposição para as pessoas tornar-se propensas a felicidade e o que é justo.

Abordaremos no terceiro tópico o papel das virtudes na comunidade. Ao passo que mostraremos o papel fundamental das virtudes que é a felicidade. Pois, é notório que na comunidade a felicidade faz parte da vivência das pessoas que cultivam a amizade e convivem umas com as outras de forma virtuosa. Além do mais, é característica de uma comunidade buscar a felicidade para o indivíduo através da amizade que é uma das principais virtudes aristotélicas. Portanto, a finalidade dessa pesquisa é superar a vida prazerosa e alcançar uma vida virtuosa, pois a amizade é importante para o ser humano, porque as pessoas que saem da vida do prazer e viver na virtude conseguem serem felizes, pelo fato que os indivíduos vivem bem.

2 AMIZADE COMO UMA VIRTUDE

Neste capítulo examinaremos como Aristóteles faz uma análise sobre amizade nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco*¹ caracterizando a virtude como uma prática da amizade, de modo que para adquirir a virtude é necessária ter o hábito de praticá-la. Então desse modo é essencial conhecer o conceito de virtude Aristotélica. Veremos que ele emprega como um propósito a ser alcançado. Pois na relação entre as pessoas notamos as primeiras características de amizade. Observaremos que o Estagirita² classifica a virtude em dois tipos a moral e intelectual, divergindo-as quanto suas finalidades. Logo após demonstraremos a concepção de amizade, ao passo que ela é necessária para a boa convivência e o bem-estar. Apontaremos a distinção entre amor, amizade e benevolência.

2.1 A virtude como prática de amizade

Aristóteles afirma no livro *Ética a Nicômaco* que o homem livre nasce com a habilidade para possuir as virtudes. Nós nos tornamos pessoas virtuosas se exercemos ato de virtude, pois é só pelo aprendizado, pelo hábito que adquirimos as virtudes, pois o homem virtuoso consegue viver bem na comunidade (EN, II, 1103a). Assim Silveira destaca:

As virtudes éticas derivam do costume. Realizando gradualmente atos justos, tornamo-nos justos, ou seja, adquirimos a virtude da justiça, e ela permanece em nós de forma estável como um hábito, que contribuirá sucessivamente para que realizemos atos justos. Realizando atos de coragem, tornamo-nos corajosos, quer dizer, adquirimos o hábito da coragem, que, depois, nos ajudará a realizar facilmente atos corajosos, e assim sucessivamente. Para Aristóteles, as virtudes éticas se aprendem da mesma maneira como se aprendem as diferentes artes, que também são hábitos (SILVEIRA, 2000, p. 14).

Podemos com auxílio de Silveira perceber que a virtude é adquirida dos nossos costumes e são realizadas com atos justos, ela aparece pelo hábito. Desse modo Pegoraro (2008, p. 47), conceitua “[...] *Virtus* quer dizer energia, vigor, vitalidade, potencialidade. O homem é um ser dotado de muitas potencialidades que ele pode ou não explicitar ao longo da

¹ Neste trabalho correntemente usaremos a obra *Ética a Nicômaco*; usaremos a coleção os pensadores (Aristóteles vol. II), e quando nos referirmos a ela citaremos apenas “EN”, (para citação direta) o número que indica sua localização, ex: EN, VIII, 1155a, 5. E para citação indireta usaremos apenas a indicação para o livro (EN, VIII) e o indicador para o capítulo ex. EN, VIII, 1155a.

² Estagirita é um sinônimo atribuído a Aristóteles. É chamado dessa forma por ser um cidadão que nasceu em Estagira, uma cidade da Macedônia.

vida”. Portanto não basta apenas conhecer as virtudes, mas a praticá-las, para sermos virtuosos. Dessa maneira para Aristóteles a virtude é compreendida como:

“[...] duas espécies, a intelectual e a moral, a primeira por via de regra, gera-se e cresce graças ao ensino, por isso requer experiência e tempo, enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito, donde ter-se formado o seu nome por uma pequena modificação das palavras. Por tudo, isso, evidencia-se também que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza, com efeito, nada do que existe naturalmente pode formar um hábito contrário à sua natureza” (EN, II, 1103a, 15-20).

O Estagirita evidencia a existência de duas formas de virtudes que são a intelectual e moral, a primeira é decorrente do ensino, em razão do que depende de tempo e experiência, já a virtude moral depende do hábito. Dessa forma, é notório, portanto que nenhuma das virtudes se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito. Pois não podemos formar um hábito contrário que nossa natureza nos oferta. Entretanto, Pegoraro diz:

Aristóteles chama virtude morais aquelas que se referem ao instinto e a sensibilidade e intelectuais aquelas que dependem do intelecto. As virtudes morais são muitas e Aristóteles analisa as mais conhecidas e discutidas no mundo grego; as funções ou virtudes intelectuais são duas: a sabedoria e a prudência ou discernimento (PEGORARO, 2008, p. 48).

Conforme Pegoraro (2008, p. 49) as virtudes morais sob moderação da razão estimulam à formação de hábitos e costumes reiterados nossas ações. Assim as virtudes intelectivas, podem ensinar a diferença específica do nosso ser humano, de modo que nos tornemos uma espécie distinta de todas as outras. Pois as virtudes intelectuais dizem respeito aos conhecimentos das realidades necessárias e, portanto, universal. A vista disso as virtudes intelectuais são conhecidas por dois mundos prático, que é *techné*³ e a *phronesis*⁴ (OLIVEIRA, 2008).

Segundo Warken (2005, p. 43) “[...] as virtudes nunca são inatas, mas derivam do exercício de ações virtuosas. Agir bem produz virtude, e o agir mal produz o vício”. Desse

³ A “*techné*” é um outro tipo de conhecimento, distinto da técnica no sentido geral, que não se limitava à pura contemplação da realidade, mas era uma atividade interessada na solução dos problemas práticos, em servir de guia para os homens na sua luta para melhorar e aperfeiçoar a sobrevivência, na cura de doenças, na construção de instrumentos e edifícios e outros (OLIVEIRA, 2008, p. 4).

⁴ *Phronesis* é a sabedoria prática. Um esforço de reflexão, uma ciência que não se limita ao conhecimento, dado que pretende melhorar a ação do homem. Tem como objetivo descrever claramente os fenômenos da ação humana.

modo é importante ressaltar que, se a virtude existisse no natural, haveria um determinismo ético. Portanto a virtude não deriva da natureza, mas sim do hábito.

Aristóteles pensa o hábito como um costume ou, a forma de agir repetidamente para educar determinado instinto. Assim, Aristóteles (EN, II, 1103b, 5) pontua “[...] os legisladores tornam bons os cidadãos por meios de hábitos que lhes cativem”. Deste modo, na amizade o seu mecanismo pode ser considerado o exercício de caráter do bem entre os indivíduos. Assim Júnior enfatiza:

A virtude não faz parte da vida da pessoa somente pelo fato de ser constituída de natureza humana, mas porque além de ser adquirida somente por habituação, ela pode ser destruída por defeitos ou excessos e pela não perseverança. Se a virtude fosse por natureza, a ação deliberada, a liberdade e a decisão diante das ações seriam negadas no ato voluntário da pessoa humana (JÚNIOR, 2012, p. 33).

Visto que, a virtude pode ser adquirida pelo processo de habituação prática em vista do bem, podemos dizer que ela não é gerada na pessoa humana pela própria natureza, mas é constituída pelo modo de agir. Portanto, as pessoas tornam-se virtuosas com a prática de suas próprias ações (JÚNIOR, 2012). Dessa maneira, a amizade se torna uma virtude a partir do momento que a pessoa se coloca a praticar as virtudes, que são adquiridas pelos seus hábitos humanos para fazer o bem. Desse modo Júnior diz:

As ações direcionadas pela virtude são realizadas de forma consciente, voluntárias e de livre escolha sob a base de um juízo verdadeiro e racional ao interno da sociedade e em relação ao justo direito, seja em referência à lei natural convencional, universal ou particular. A práxis virtuosa objetiva alcançar o bem-estar da pessoa e o bem comum da comunidade. (JÚNIOR, 2012, p. 34).

Importante notarmos que a virtude está em nosso poder de escolha, e a escolha envolve um princípio racional, o seu objeto de escolha é algo que está em nosso alcance e este é desejado após a deliberação, as ações devem concordar com a escolha e serem voluntárias, podemos escolher entre a virtude e o vício, porque se depende de nós o agir, também depende o não agir. Segundo Aristóteles (EN, II, 1104a, 10-15), “[...] as virtudes dizem respeito a ações e paixões, e cada ação e cada paixão é acompanhada de prazer ou de dor, também por este motivo a virtude se relacionará com prazeres e dores”. Além disso, o Estagirita conceitua a virtude do homem como sendo:

Uma disposição de caráter relacionado com a escolha e consiste numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta, pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocantes ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. E assim, no que toca a sua substância e a definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediania, com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo (EN, II, 1107a, 35-5).

Aristóteles esclarece que a é virtude uma determinação de personalidade, e está ligado em uma mediania. Nessa concepção, a virtude tem a função de elevar o homem à amizade virtuosa a partir de seu princípio racional. Pois o que se espera de um homem virtuoso que coloca a sua racionalidade em prática é que ele seja amigo da felicidade. De igual modo, o homem não deve ter nem ao excesso nem à falta, permanecendo assim no meio-termo. O Estagirita apresenta um exemplo que apresente essa ideia:

Tanto o medo como a confiança, o apetite, a ira, a compaixão, e em geral o prazer e a dor, podem ser sentidos em excesso ou insuficiente; e, num caso como no outro, isso é um mal. Mas senti-los na ocasião apropriados, para com as pessoas apropriadas, pelo motivo e da maneira conveniente, nisso consistem o meio termo e a excelência característica da virtude (EN, II, 1106b, 15-20).

O Estagirita esclarece ainda que o meio-termo tem ponto paralelo entre ambas as partes, ou seja, entre o excesso e a falta. Por isso Perine (2006, p. 96) pontua “[...] não há dúvida de que a excelência moral esteja relacionada com as paixões/emoções. Resta saber se nessa relação elas são moralmente neutras ou se desempenham sempre alguns papais, positivos ou negativos, no âmbito do conhecimento da ação moral”. Dessa maneira Aristóteles nos diz que:

Por meio-termo no objetivo entendo aquilo que é equidistante de ambos os extremos, e que é um só e o mesmo para todos os homens, e por meio-termo relativamente a nós, o que não é nem demasiadamente pouco e este não é um só e o mesmo para todos (EN, II, 1106a, 25-35).

Ao afirmar que o meio-termo é referente a nós e não no sentido matemático ou medíocre, deseja-se dizer que cada pessoa tem o seu “jeito de ser”. Assim o equilíbrio é a característica principal da virtude sendo ela ponto de equilíbrio para amizade. Ao passo que seria contraditório haver um meio-termo, um excesso e uma falta em ações de injustiça, por

que desse modo teria um meio-termo de excesso e uma carência de carência (EN, II, 1107a, 20-25). Dessa maneira Perine ressalta que o meio-termo tem característica diferente:

[...] o excesso e a falta são manifestações de erro enquanto o meio-termo é reconhecido como acerto. Ora, o acerto, tanto quanto o erro, são moralmente qualificados não só pela “quantidade”, certa ou errada- de paixões/emoções, mas também pela adequação certa ou errada. (PERINE, 2006, p. 97).

Desta forma, é na mediana que se encontra a virtude, circunstância entre os extremos das paixões/emoções. Com essa abordagem podemos dizer que a mediania tem o aspecto de buscar a proporção e, devido essa proporção, a ação será adequada sob perspectiva moral, assim a ação se liga às emoções e paixões (WOLF, 2010, p. 74-75). Diante disso em relação à amizade acontece o mesmo que assume a respeito da virtude, o hábito e o meio termo, fazem parte da atividade da amizade, pois ela necessita desse equilíbrio para ser uma virtude, visto que o primeiro pode ser o cultivar e o segundo a prudência, pois a amizade não surge sem uma presença ativa nem tampouco ela será uma amizade virtuosa se possuir sinais de imprudência. Dessa maneira Silveira conclui dizendo que:

Aristóteles explica que não há virtude quando existe excesso ou vício, quando tem muito ou pouco. A virtude consiste na justa proporção que é o meio termo entre dois extremos. As virtudes éticas, são, pois, a posição média entre dois extremos das paixões, dos sentimentos e das ações (SILVEIRA, 2000, p. 14).

A virtude como meio termo para o Silveira é ilustrada por uma ampla análise das principais virtudes como: coragem, temperança, liberdade, magnificência, justiça e outra. Portanto quando há uma convivência e as pessoas se beneficiam reciprocamente e exercem as atividades e a um equilíbrio também isso é uma característica da amizade. Em vista disso, “[...] na verdade, nada é mais característico entre amigos do que o desejo de viver juntos” (MORAES NETO, 1999, p.33). Portanto, Rocha enfatiza as palavras de Aristóteles:

A virtude é o meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta. Mas, nem toda ação e nem toda paixão admitem meio-termo, há algumas ações ou paixões que implicam em maldade, como a inveja que é má em si mesma, visto que nesse sentimento não há retidão, mas sim erro. É inviável procurar meio-termo em atos injustos; no excesso ou na falta, não há meio-termo. No caso da coragem, por exemplo, é covarde aquele que teme a tudo e não faz nada. Isto é um vício por deficiência. Aquele que nada teme e parte ao encontro de todos os perigos torna-se temerário, sendo assim vício por excesso (ROCHA, 2009, p. 19).

Diante disso, percebemos que o meio-termo não está presente em todas ações pelo fato que já em algumas ações já são más. Assim não adianta procurar o meio-termo em atos que são considerados injustos, por que nunca vai se encontrar. Pensar no meio-termo e cogitar um equilíbrio nas virtudes. Desse mesmo modo Pegoraro vai ressaltar:

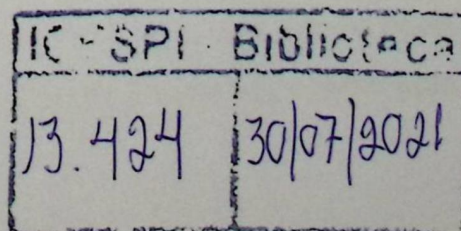
O Estagirita explora longamente outro caminho da ética de se entender ética; o caminho da ética prudencial que consiste no meio-termo entre o excesso e a deficiência. A via prudencial nada mais é do que a busca do equilíbrio da vida pessoal e social. Porém, o meio-termo não é igual para todos, mas será proporcional a cada pessoa e em cada circunstância (PEGORARO, 2008, p. 50).

Segundo Pegoraro (2008, p. 51), “[...] o meio-termo ético é finalmente, decidido pela experiência de vida e pelo juízo prudente de um homem sensato, cabe o homem descobrir o excesso ou deficiência nos seus comportamentos”. Evidencia-se, a partir daí que meio-termo é muito importante para aquelas pessoas que desejam viver uma vida voltada para virtude e deixando a vida prazerosa. Assim esse meio-termo podemos dizer que é um hábito virtuoso.

2.2 A compreensão de amizade

A compreensão de amizade é um indicio de uma disposição de proporcionar ajuda ao outro, pois deixar de conceder ajuda em uma dificuldade é entendido como uma falta de boa vontade que não podemos caracterizar como uma verdadeira amizade. Em relação ao conceito de amizade no “[...] livro *Ética a Nicômaco*, Aristóteles destaca a importância do vínculo entre as pessoas, para que através da amizade fosse possível formar um cidadão ético e participante da comunidade política com disposição de caráter para o conhecimento” (BARREIRO e CARVALHO, 2015, p. 1006). Desse modo, a amizade não depende apenas dos sentimentos e intenções, mas de atos. Desta forma Fantinel e Pereira dizem:

A amizade é, portanto, uma virtude, e os homens que conseguem vivê-la são poucos e bons. A deterioração das relações sociais vem perigosamente tornando-se uma constante cada vez mais intensa nas sociedades contemporâneas. Características como a confiança e transparência, a partilha e a própria convivência correm o risco de não mais existir. Amigos de verdade se tornam cada vez mais raros em um mundo onde os valores são relativizados, e por vezes a própria vida é banalizada (FANTINEL e PEREIRA, 2010, p. 54).



Uma vez que “[...] Segundo Aristóteles, a amizade é uma virtude ou está estreitamente unida à virtude: de qualquer forma, é o que há de mais necessário à vida, já que os bens que a vida oferece, como riqueza, poder, não podem ser conservados nem usados sem os amigos” (ABBAGNANO, 2007, p. 37). Podemos perceber a amizade como uma virtude, por que nela encontramos uma relação entre pessoas que desejam o bem e através do hábito de ser amigo ela aumenta o grau de amizade. Percebe-se a partir do estudo que “[...] Aristóteles limita o tema da amizade separando o tratamento da amizade das considerações sobre a natureza, apresentando-a como uma dimensão fundamental da vida humana prática e acontecendo somente na *pólis*” (WARKEN, 2005, p. 64).

A amizade para os que tem o poder é uma vinculação coerente, pois de que caberia ter muitas riquezas se não há com quem usufruí-la. Pois, o Estagirita pensa que: “[...] homens abastados, governantes e potentados, muito mais que os outros, necessitam de amigos, uma vez que de que lhes valeria sua prosperidade se não pudesse ensejar a beneficência” (EN, VIII, 1155a, 5). De fato, o homem rico não se realizará apenas pelos seus bens, mas por compartilhá-los. Por isso Fantinel e Pereira vão dizer que:

A amizade não é apenas necessária, mas também se torna nobre, dando a ideia de que os homens que amam seus amigos e desejam tê-los são, sobretudo, bons. Assim para a amizade ser verdadeira, requer-se desejo e intimidade, mas sempre orientada pela razão que fornece aos desejos o equilíbrio necessário (FANTINEL e PEREIRA, 2010, p. 49).

Sendo assim, amizade se faz necessária porque ela perpassa uma ideia de que os indivíduos são bons, portanto para existir um verdadeiro laço de amizade é preciso ter uma boa relação e desejos, mais isso tudo conduzido pelo racional tendo um certo equilíbrio. Para cultivar a amizade faz-se necessário a prática do meio-termo, ou seja, não ter amigos em excesso nem tampouco. Assim o autor de *Ética a Nicômaco* afirma que:

Uma quantidade de amigos que exceda o que basta à nossa própria vida produz um supérfluo que constitui um estorvo a uma vida nobre. Mas talvez a quantidade conveniente não corresponda a um número em particular, mas a qualquer número entre certos pontos determinados. Assim, no tocante a amigos, haverá também um número determinado e, talvez, o maior número com o qual somos capazes de conviver. De fato, observamos que conviver é impossível conviver e partilhar a própria vida com muitas pessoas (EN, IX, 1170 b, 25-30).

Diante disso, deve-se cultivar a quantidade necessária de amigos para que se possa agir de forma recíproca para cada indivíduo. Pois o excesso de amigos retiraria a nobre ação

da essência da amizade: já que há necessidade de estar juntos é própria de uma relação. Além disso, ações desinteressadas ao bem do amigo, almeja uma vida longa, deseja viver em companhias, trocando ideias, opiniões, enfim, desejar ao outro que deseje para si próprio.

A perfectibilidade da amizade se deve, pois, ao fato de ela tecer entre os bons que desenvolvem virtudes similares, que compreendem e agem de tal maneira que a procura da *eudamonia* leve a uma expansão social do eu. Mas não é a mera semelhança que une os bons, pelo contrário, ela apenas cria a base por meio da qual as pessoas, sendo boas nelas mesmas, desejam para outrem a mesma bondade, para que elas sejam boas em e para si mesmas. Graças a esta boa vontade, a bondade de cada um se aperfeiçoa e se dirige a todos. O indivíduo é bom em e para si ao mesmo tempo que é bom e vantajoso para os seus amigos. (GIANNOTTI, 1996, p.169).

Para Pichler (2004, p. 19), Aristóteles enfatiza que amar é a virtude essencial na convivência entre amigos. Ela passa a ser uma disposição de caráter, um *habitus*, algo adquirido pela prática de amar, igualmente na justa medida, que é característica da virtude ou excelência moral. A amizade é, portanto, uma virtude, e os homens que conseguem vivê-la são poucos, pois aqueles que conseguem viver podemos dizer que são virtuosos. Essa amizade que segundo Aristóteles ela vai ser dependente:

A amizade depende mais de amar do que ser amado, e que as pessoas que amam seus amigos é que são louvadas, amar parece ser uma característica da excelência moral dos amigos, de tal forma que somente as pessoas em que tal característica está presente na mediania certa são amigos constantes, e somente a amizade desses resiste ao tempo (EN. VIII, 1159 a, 32-38).

Conforme se observa, a amizade perfeita só pode existir entre os iguais e semelhantes por caráter, isto é, os homens bons ou virtuosos. Aristóteles diz que eles sentem grande prazer na companhia uns dos outros e se unem para fazer reciprocamente o bem. Segundo Fantinel e Pereira (2010, p. 54), a amizade tende a contribuir para o resgate da essência para o ser humano, é a conscientização de que caminhar sozinho sem nenhum amigo é mais difícil. Quando existem dois ou mais pessoas que caminham juntos a estrada se torna mais agradável. A amizade ela traz uma felicidade para o outro porque a companhia de amigos pode muito bem tirar uma pessoa de viver solitário, portanto Aristóteles diz que:

Em companhia de outras pessoas, por conseguinte, sua atividade será mais contínua e aprazível em si mesma, como deve ser para o homem sumamente feliz, pois o homem bom, enquanto bom, deleita-se com ações virtuosas e se entristece com as más. A companhia dos bons também nos oferece um certo adestramento na virtude, como disse Teógnis antes de nós (EN, IX 1170a, 5-15).

O autor explana a importância da companhia do outro na amizade, destacando suas ações harmoniosas que podem levar cada pessoa buscar felicidade, por estar com o amigo de seu lado. Por esse motivo, a finalidade da virtude é encontrar o caminho da felicidade, assim o homem virtuoso que tende uma boa amizade com os outros consegue viver bem segundo as virtudes. Logo é impossível imaginar um homem virtuoso viver sem amigos.

Importante ressaltar uma das principais virtudes que é a *phronesis*, um tipo de sabedoria prática entendida habitualmente como prudência. Nela se encontra o mais alto grau de sabedoria humana, aonde ela conduz o homem a escolher bem, o entendimento de *phronesis* se dá justamente como uma sabedoria prática. Desta forma, Perine conclui que:

[...]a *phronesis* não é nem ciência, nem arte, mas um estado habitual verdadeiro, raciocinado ou cognitivo, que dirige a ação e tem por objeto as coisas boas e más par ao homem [...], ou um estado habitual raciocinado, cognitivo, verdadeiro, que tem por objeto os bens humanos e que dirige a ação (PERINE; 2006, p. 25)

Percebe-se que a *phronesis* é um caminho que orienta para um fim em vista da virtude, sendo ela um meio prático para se usar a prudência. Entretanto a *phronesis* é possivelmente o mecanismo pelo qual se permite refletir a tomada de decisão, ela será capaz de estabelecer os parâmetros da escolha prudente.

2.3 Diferenciação entre amor, amizade e benevolência

A amizade pode ser interrompida quando a correlação de interesses é desvinculada. Isso acontece porque a pessoa não ama o outro por si mesmo, mais a vista de seus interesses, pois suas qualidades não são duradoras. Portanto antes de conhecer os tipos de amizade é essencial ter um esclarecimento sobre o objeto do amor, assim fazemos uma distinção entre amor, amizade e benevolência. Segundo UÍZ (2009, p. 36), “[...] Aristóteles discute se o amor é provocado por aquilo que é bom em si mesmo ou por aquilo que é bom para o amante, e chega à conclusão que o último seja o caso”. Dessa maneira, Aristóteles diz que:

Para o amor dos objetos inanimados não usamos a palavra “amizade”, pois não se trata de amor mútuo, nem um deseja bem ao outro, no tocante aos amigos, porém, diz-se que devemos deseja-lhes o bem no interesse deles próprios. Mas aos que desejam bem dessa forma só atribuímos benevolência,

se o desejo não é recíproco, a benevolência, quando recíproca, torna-se amizade (EN, VIII, 1155b, 30-35).

Aristóteles mostra-nos que é possível amar mesmo que não haja reciprocidade, como por exemplo, serem inanimados. Assim é possível atribuir amor a um urso de pelúcia, no entanto não há uma relação entre amante e o amado. Dessa maneira segundo Lara (2009, p. 46), “[...] muitos julgam o amor como sentimento maior, mas Aristóteles considera a amizade mais forte e completa do que o amor”. Desse modo, a amizade reside no bem, por isso a amizade verdadeira só existe entre pessoas boas. Por isso, podemos dizer que o amor é parecido a uma afeição e a amizade é um hábito. De igual modo Aristóteles concluir que:

[...] como a amizade depende mais do amor que do ser amado, e são os que amam só seus amigos que são louvados, o amar parece ser a virtude característica dos amigos, de modo que só amigos duradouros, e só a amizade desses resiste ao tempo (EN, VIII, 1159a, 30-35).

Percebe-se que o ponto máximo da amizade é amar mais que ser amado, pois a reciprocidade é um traço de caráter, assim ela se torna duradoura. O amor é como fosse a dinamicidade, e o ser amado equiparar-se à passividade, e o amor e os seus coincidentes são os atributos dos mais ativos dentre os homens (EN, IX, 1168a, 20). Assim podemos dizer que a amizade consiste na troca, numa doação recíproca, em uma relação de convivência entre amigos, organizada por meio da familiaridade e do respeito recíproco: Diante disso, o Estagirita diferenciar o amor da amizade da seguinte forma:

O amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter; assim se entende porque a afeição pode ser experimentada inclusive por coisas inanimadas, enquanto a reciprocidade do amor envolve prévia escolha e está nasce de uma disposição. Ademais, quando as pessoas desejam o bem de quem amam no interesse de quem amam, seu amor não está subordinado a uma emoção ou paixão, mas a uma disposição. E ao amar o amigo amam seu próprio bem, pois o indivíduo bom ao se tornar amigo de outro converte-se no bem desse outro. Cada um, portanto, tanto ama seu próprio bem quanto realiza um retorno equivalente em benevolência em prol do outro, e por lhe propiciar prazer; com efeito, se diz que amizade é igualdade, o que, sobretudo, se constata nas amizades dos bons (EN, VIII, 1157b, 25-30).

Nota-se que em Aristóteles que o amor é igualmente uma afeição, e deve estar relacionada com a amizade, pois, tanto o amor quanto à amizade constitui uma relação onde deve haver correspondência. Em visto disso Lara (2009, p. 47), demonstra “[...] que a benevolência é o querer bem ao outro, e o amor distingue-se desta, pois a boa vontade pode

haver até por uma pessoa que nunca vimos. Está presente em pessoas boas ou prestativas e às vezes pode ser retribuído ao sentimento”. No entanto viver bem implica viver com o outro, isto é, implica reciprocidade, que isso podemos dizer que é o ponto fundamental da amizade.

Segundo Rocha (2009, p. 87), “[...] Aristóteles acentua a arte de amar como uma virtude dos amigos, tendo em vista que a amizade se firma mais na ação do amor que no ser amado, assim, compreendendo que só os que amam na medida justa, são visto como amigos”. Desse modo a bondade entre amigos é de essencial importância pois por meio dela que se pode atribuir a bondade para os amigos. Assim, Aristóteles conceitua benevolência como:

Uma espécie de relação amigável, mas não se identifica com a amizade, pois que tanto podemos senti-la com pessoas a quem não conhecemos como sem que elas próprias o sabiam, ao passo que com a amizade não sucede assim. Isto aliás já ficou dito atrás. Mais a benevolência não é sequer um sentimento amistoso, já que não envolve intensidade ou desejo, enquanto o sentimento de amizade é acompanhado desses elementos. Além disso, amizade implica intimidade, enquanto benevolência pode surgir repentinamente, como acontece para com os adversários numa competição: sentimento de benevolência para com eles e compartilhamos os seus desejos, mas não cooperaríamos em nada com eles, porque com dizíamos esse sentimento nos vem de súbito e nós só amamos superficialmente (EN, IX, 1166b, 30-35).

A benevolência segundo o Estagirita (EN, IX, 1167a, 15-20) “[...] surge em virtude de alguma excelência ou mérito, quando um homem parece a outro belo, bravo ou algo de semelhante, como fizemos ver no caso dos adversários numa competição”. De igual modo que a benevolência faz somente o que é justo e do modo que não é possível que as pessoas sejam amigas se não sentirem benevolência uma para com a outra. Pois, a benevolência pode ser caracterizada como um início de amizade, assim como o prazer dos olhos é o início do amor. Portanto ninguém ama se não tiver deleitado de um início com a estrutura do ser amado (EN, IX, 1167a, 5). Assim podemos querer bem a outro, contudo ter uma boa vontade pode haver até com as pessoas que nunca tínhamos vistos. Desse modo, Aristóteles conclui que:

[...] por uma extensão do termo amizade, poder-se-ia dizer que a benevolência é uma amizade é uma amizade inativa, se bem que passe a ser amizade verdadeira quando prolonga e chega ao ponto de intimidade. Não se trata aqui, porém, da amizade baseada na utilidade nem da que tem por objetivo o prazer, pois tampouco a benevolência surge, em tais condições (EN, IX, 1167^a, 10-15).

Desse modo, a benevolência pode ser uma ampliação da amizade, pois na existência de amizade requer um tempo e intimidade, assim tudo isso não vai se tratar de amizade

recíproca. Contudo quando desejo fazer o bem no interesse do outro, esse bem não tem uma reciprocidade podemos atribuir a benevolência, e não na amizade.

Consequentemente, a virtude da amizade, porém, não é apenas uma virtude individual das pessoas, mas uma virtude política que é de fundamental importância para uma vida virtuosa na comunidade. Nessa situação a amizade virtuosa é a busca da boa convivência em uma comunidade, do modo que ela conduz uma reciprocidade muita que detém uma constante atualização da virtude da amizade, isto sendo guiado para o caminho de uma vida feliz, porque as pessoas que tem essa virtude irão conseguir viver bem de forma virtuosa (EN, IX, 1166a).

Aristóteles conceitua a amizade como uma virtude, pois com os amigos as pessoas compartilham as conquistas, os fracassos, as dificuldades e também a prosperidade. Assim, concluímos dizendo que a virtude é um caminho que o indivíduo percorre para se alcançar um modo de vida virtuosa na comunidade, tendo em mente que tudo isso é um processo, pois com hábito de praticar a virtude em vista da amizade conseguirá possuí-la ao decorrer do tempo, por que assim seria um “homem virtuoso” para a comunidade (EN, VIII, 1155a).

3 DIFERENTES NÍVEIS DE AMIZADE

Aristóteles dedica os livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco* para fazer uma abordagem acerca da amizade, pois segundo o Estagirita ela é uma virtude extremamente necessária à vida. Mesmo que possuamos diversos bens, riquezas, saúde, poder, ainda assim, não será suficiente para nossa realização plena, pois nos falta a essencial e indispensável amizade. Desse modo Baldini (2000, p. 59), diz que “[...] amizade é uma virtude, ou está associada ao conceito de virtude e, por esta razão, além do mais, é uma coisa absolutamente necessária”. Portanto, podemos dizer que o autor apresenta a amizade como uma relação fundamentada no bem, na solidariedade, em sentimentos recíprocos. Desse modo, Aristóteles conceitua amizade como:

Uma virtude ou, sendo uma virtude, sendo sumamente necessário à vida, uma vez que sem amigos ninguém escolheria viver mesmo, ainda que possuísse todos os outros bens. Acredita-se que até mesmo os ricos e os que exercem autoridade e poder necessitam de amizade (EN, VIII, 1155a, 5).

A abordagem do Estagirita sobre amizade tem como objetivo apresentá-la como uma virtude e enfatizar o fato desta ser necessária à vida. Conforme Ortega (2002, p. 37), “[...] *Philia* tem caráter de um hábito, ela é expressão de determinada atitude moral e intelectual que visa o amor recíproco entre amigos, baseado numa decisão livre da vontade, em que cada um deseja o bem para o outro”. Por isso Aristóteles classifica “[...] três espécies de amizade, iguais em número as coisas que são estimáveis” (EN, VIII, 1156a). Observa-se que entre elas há uma hierarquia, por isso tratar-se-á a respeito delas neste capítulo em ordem crescente, de forma que as três espécies de amizade são as com base na utilidade, no prazer e na virtude.

Em meio as várias indagações têm-se o início do estudo desenvolvido por Aristóteles em relação às espécies de amizade a qual ele demonstra a praticidade de cada uma delas dando alguns conceitos práticos. É com o objetivo de aprofundar mais sobre esses três tipos de amizade que se faz a partir de agora uma análise sobre cada uma delas, mostrando característica de cada uma delas e conceituando cada espécie.

3.1 A amizade com base na utilidade

Entende-se a partir da *Ética a Nicômaco* que o amor atribuído à amizade por utilidade tem em vista não o próximo, mas a si próprio, com isso o outro representa um indivíduo ou

um objeto de satisfação para quem o ama, sendo necessário haver um ato de bondade, pois é característica do amor ser bom. Segundo Lopes (2012, p. 9) [...] “A amizade útil se caracteriza através do fenômeno em que o amigo não tem a capacidade de descobrir como amado em si mesmo nem por si mesmo, isto, devido a utilidade”. O Estagirita revela que [...] “os que se amam com fundamento na utilidade não amam por si mesmos, mas por conta de algum benefício que lhes possa advir um do outro” (EN, VIII, 1156a, 10). Pois quem deseja o bem almejando a utilidade tem em vista o benefício de si próprio, ou seja, de satisfazer o próprio interesse. Desse modo Aristóteles afirma que:

A amizade baseada na utilidade não é permanente, mas muda constantemente, tal amizade se dissolve facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: caso uma das partes cessa de ser útil, a outra deixa de amá-la. Essa espécie de amizade existir principalmente entre velhos, pois são pessoas que buscam o útil e, dos jovens e dos que estão no vigor dos anos, entre os que buscam a utilidade (EN, VIII, 1156a, 20-25).

Nessa espécie de amizade a sua durabilidade é reduzida justamente por ser vulnerável ao mal-estar, proporcionado por uma das partes como, por exemplo, a queixa, a cobrança e a calúnia. Portanto, esse nível de amizade encontrará mais facilmente entre as pessoas de maior idade ou menor idade porque ambos buscam o agradável para si mesmo, não visam os outros. Segundo Warken (2005, p. 71) “[...] a amizade baseada na utilidade é aquela em que obtemos algum proveito ou benefício, e não pelo amigo mesmo, mas sim à medida que os amigos se utilizam, se beneficiam de algo uns dos outros”. O amigo com base nessa espécie de amizade é de certo modo manipulador, de forma que:

A amizade que se baseia na utilidade é repleta de queixas; porquanto, como cada um se utiliza do outro em seu próprio benefício, sempre querem lucrar na transação, e pesam que saíam prejudicados e censuram seus amigos porque não recebem tudo o que “necessitam e merecem”; e os que fazem bem a outros não podem ajudá-los tanto quanto eles querem (EN, VIII, 1162b, 15-20).

Podemos então considerar a amizade utilitária como accidental já que o objetivo de quem a possui é retirar do outro o que ele pode lhe proporcionar de útil para a sua vida. Desse modo, a “[...] amizade com vista na utilidade parece ser a que mais facilmente se forma entre contrários, como, por exemplo, pobres e ricos, entre ignorantes e letrados, porque um homem ambicioso procura aquilo que lhe falta e dá algo em troca” (EN, VIII, 1159b, 10-15).

Nessa espécie de amizade, uma relação entre amigos é desfeita quando um dos protagonistas sofre alguma transformação. Isso acontece porque não havia sentimento de amor ou mesmo de prazer que explicasse a causa das pessoas envolvidas em um processo de convívio e interação. Algumas pessoas que estão envolvidas nesta espécie de amizade, não conseguem ter uma aproximação contínua, pois não sentem a necessidade de uma companhia do outro, a não ser que seja extremamente útil, e essa relação entre amigos é desfeita se acaso uma deixa de ser o que era. Portanto, Moraes Neto afirma que essa:

Amizade se desfaz facilmente se as pessoas não permanecem como eram no início, pois se uma delas já não é agradável ou útil, a outra cessa de amá-la. A utilidade não é uma qualidade duradoura, ela está sempre mudando. Portanto, desaparecido o motivo da amizade, ela se acaba. Ela existe como um meio para chegar a um fim (MORAES NETO, 1999, p. 27).

Moraes Neto destaca que essa espécie de amizade, não é constante e é, passageira porque a medida que o tempo passa ela vai mudando, isso já é particularidade da própria. Dessa maneira consideramos como uma amizade sem resistência, e ao decorrer do andamento, o amigo vai se afastando dos outros. E o que caracteriza a amizade é exatamente o contrário. Segundo Aristóteles (EN, VIII, 1158a, 20), [...] “Amizade que se baseia na utilidade é própria das pessoas de espírito mercantil”. O que mantém a ligação desta é o espírito comercial, a busca pela manutenção ou aquisição de bens materiais, acumular riquezas torna-se um dos principais fins entre outros. No entanto assim como Aristóteles relata que a amizade por utilidade existe entre jovens e idosos, também Baldini pontua que:

Amizade pela utilidade parece surgir, sobretudo entre pessoas idosas. De fato, os homens dessa idade não buscam o que é agradável, mais o útil. O mesmo, porém, pode-se dizer também a respeito de homens maduros e de jovens que procuram o útil. E tais indivíduos não levam sequer entrem eles uma vida comum, aliás, às vezes, não é agradável sequer frequentá-los, e por esta razão os amigos não desejam nem mesmo a sua companhia, quando eles não são úteis (BALDINI, 2000, p.63).

Dessa forma, notamos que Baldini demonstra que esse tipo de amizade é mais comum entre pessoas já mais idosas e maduras, pelo fato que elas buscam o que é mais útil para elas. Portanto, esse tipo de amizade é também visto, principalmente, entre as pessoas de classe diferente e entre os opostos, como apresenta o Estagirita:

A amizade com vista da utilidade parece ser a que mais facilmente se forma entre contrários, como, por exemplo, entre pobres e ricos, entre ignorantes e letrados; porque um homem ambiciona aquilo que lhe falta e dá algo em troca (EN, VIII, 1159b, 10 -15).

Compreende-se que a partir do pensamento de Aristóteles que é contrário e também o fundamento para a amizade utilitária, pois nesse tipo de relação às pessoas procuram satisfazer os outros, e serem satisfeitas, nela há uma relação mais viável onde há superior e inferior. Na amizade utilitária podemos perceber, que ela é lançada pelo um anseio de suprir uma necessidade, onde a pessoa passa a interagir com o outro na possibilidade de se fazer proprietário de algo que lhe parece útil e que a pessoa a que se alia possui, desta maneira, podemos dizer que a relação de amizade se desenvolve de forma planejada. Por que nesse tipo de amizade a pessoa quer que o outros seja útil, na perspectiva de satisfazer seu prazer.

3.2 A amizade com base no prazer

A amizade baseada no prazer é semelhante a útil, os amigos se relacionam com base no mesmo objetivo e apreciam as mesmas coisas das quais se possam beneficiar. De igual modo, só querem satisfazer seu belo prazer. Por isso, o Estagirita (EN, VIII, 1156a) enfatiza que a amizade que visa o prazer “[...] pode se dizer que se amam por causa do prazer; não é devido ao caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque acham agradáveis”. Portanto, fica claro que esse tipo de amizade leva em conta o prazer desconsiderando as virtudes que são características intrínsecas do ser humano. Dessa maneira Aristóteles diz que:

A amizade que visa o prazer tem certa parecença com a amizade entre homens bons, por enquanto as pessoas boas são de fato agradáveis umas às outras. O mesmo se pode dizer da amizade que busca a utilidade, pois os bons também são úteis uns aos outros (EN, VIII, 1156b, 30-35).

Fica ainda mais visível que os amigos que tem como fundamento o prazer, permanecem unidos somente enquanto ambas as partes alimentam o mesmo desejo. Percebe-se que aqui também há reciprocidade. Aristóteles conceitua amizade prazerosa afirmando que “[...] as pessoas que amam por causa do prazer, não é devido ao caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque as acham agradáveis” (EN, VIII, 1156a, 10-15). Dessa forma, fica claro que os amigos que são conquistados tendo em vista o prazer não o são pela aparência nem pela dignidade, mas por serem atraentes, e são exatamente as pessoas

agradáveis que se dispõem a serem amigas por causa do prazer. Essa espécie de amizade é estável enquanto persistir o prazer, ama-se em razão do que é harmonioso. Segundo Baldini:

Aqueles que amam por causa do prazer, amam as pessoas alegres não porque eles têm determinadas qualidades, mas porque são agradáveis. Esses que amam por causa do prazer amam em virtude daquilo que lhes provém de agradável e não pelo fato de a pessoa amada ser o que é, mais sim na medida em que ela é agradável (BALDINI, 2000, p. 62)

Percebe-se que o fato de ser agradável torna a pessoa mais próxima e ao mesmo tempo simpática. Diante de disso os amigos com base nesse tipo de amizade não amam o outro por ser o que ele é, mas pelo prazer que uma das partes pode proporcionar. Eles amam justamente pelo que é oferecido e pelo fato de procurarem pessoas agradáveis a eles. Por isso a amizade prazerosa é também considerada accidental por se justificarem no interesse, no prazer e não no amor. Dessa maneira, Baldini afirma:

Amizade dos jovens, porém, parece relacionar-se com o prazer: eles de fato vivem conforme a paixão e buscam, sobretudo o que lhes é agradável no momento presente, como o mudar da idade, também as coisas agradáveis se tornam diferentes. Por isso, eles se tornam amigos tão rapidamente e com a mesma rapidez deixam de sê-lo, de fato junto com que é agradável muda também a amizade, pois, desse tipo de prazer a mudança é rápida (BALDINI, 2000, p. 63).

Nota-se que assim como os idosos os jovens têm uma amizade voltada para o prazer, por que os jovens vivem muitos por paixão e quando acaba a amizade se desfaz. De igual modo, eles vivem sempre em busca do que é agradável a eles, por isso que esse tipo de amizade muda muito rápida e nunca estão satisfeitos totalmente. Por isso, ela é considerada uma amizade casual, pois ambos os amigos não permanecerem com o mesmo objetivo, ou seja, se eles não deleitarem do prazer, também não é possível que ocorra amizade, pois o prazer é o principal objetivo da amizade entre as pessoas. Portanto, segundo WOLF (2010, p. 228), a “amizade prazerosa trata-se de uma forma secundária de amizade”. Dessa maneira, se uma das partes desistir de ser o que era a amizade perde o seu princípio, e em consequência disso é desfeita. Por conta disso Moraes Neto desenvolve que:

Tais pessoas não convivem muito tempo com as outras, pois muitas vezes elas não se acham sequer agradáveis entre si, e, portanto, não necessitam de estarem juntas, a não ser que uma delas seja mutuamente rentável, pois as duas partes são agradáveis uma à outra somente enquanto elas alimentam

reciprocamente esperanças de que alguma coisa boa lhes possa render (MORAES NETO, 1999, p. 28).

O Moraes Neto nos reafirma que os amigos que tem como base o prazer, permanecem unidos somente enquanto ambas as partes alimentam o mesmo desejo. Compreende-se que aqui também há reciprocidade. No entanto, essa correlação não visa o bem um do outro ou entre os amigos, mas o bem próprio, ou seja, a reciprocidade fica vista como um meio de se chegar a um fim. Por isso que WOLF (2010, p. 228) diz que [...] “o prazer é almejado pela pessoa boa, e também as ações semelhantes feitas pelo amigo lhe causam alegria, de tal modo que ambos se alegram com ações do outro e as ações de ambos se tornam agradáveis”.

O autor de *Ética a Nicômaco* enfatiza ainda que [...] “amizade nesta espécie, os maus serão amigos com vista no prazer, e a esse respeito se assemelharão um ao outro, mas os bons serão amigos por eles mesmos, isto é, em razão da sua bondade” (EN, VIII, 1157a). Nessa espécie de amizade quando a idade aumenta o prazer também vai mudando, e ao passo que muda o prazer, a amizade vai acabando, já que o fundamento dessa espécie é o prazer. Aristóteles é decisivo em sua obra *Ética a Nicômaco* ao afirmar que:

A amizade dos jovens, por outro lado, parece visar ao prazer, pois eles são guiados pela emoção e buscam acima de tudo o que lhes é agradável e o que têm imediatamente diante dos olhos mais com o correr dos anos os seus prazeres tornam-se diferentes. É por isso que fazem e desfazem amizades rapidamente: sua amizade muda com objetivo que lhes parece agradável, e tal prazer se alteram bem depressa (EN, VIII, 1156b, 30).

O filósofo apresenta a razão pelo qual essa forma de amizade é desfeita com rapidez: ela é construída com base no prazer, à medida que os jovens vão crescendo na idade seus sentimentos também vão mudando. O Estagirita analisa os dois tipos de amizade tanto a utilitária quanto a prazerosa, a aproximação das pessoas que tem em vista o prazer e a utilidade, contudo não visa o bem do outro, mas o seu próprio bem. Em suma, Aristóteles apresenta a ideia que abrange os dois tipos de amizades:

Os que amam por causa da utilidade, amam pelo que é bom para eles mesmo, e os que amam por causa do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não na medida em que o outro é a pessoa amada, mas na medida em que é útil ou agradável (EN, VIII, 1156a, 10).

Fica claro que as pessoas que são amigas com base nesses tipos de *Philia* não têm como princípio o bem do outro, mas o benefício que o outro indivíduo tem a lhes oferecer. De igual modo, podemos dizer que esse tipo de amizade acaba facilmente, pelo fato de que nela muitos jovens são guiados pela emoção e assim vão em busca do agradável ou do prazer. Sob o mesmo ponto de vista Wolf conclui que:

As amizades em virtude do útil e do prazer, não são condizentes pois afirmam que se deseja o bem ao amigo por causa dele mesmo. Por isso Aristóteles afirma que as pessoas que gostam umas das outras por causa do ganho que elas têm pela utilidade e pelo prazer mútuo são amigas apenas em sentido accidental, não gostam do outro em virtude do fato de ele ser quem é. Assim para Aristóteles, na amizade por causa do útil e do agradável trata-se de formas secundárias de amizade (WOLF, 2010, p. 227).

Assim, podemos afirmar que aqueles cuja amizade consiste numa troca de utilidade e de prazer são, ao mesmo tempo, menos constantes e menos verdadeiros amigos. Portanto, podemos afirmar que essa espécie de amizade é muito parecida com a utilitária, pelo fato de quem ambas não há uma verdadeira amizade, mas um companheirismo que é muito fácil de romper.

3.3 A amizade Perfeita

A amizade perfeita para Aristóteles é considerada completa, pois visa somente ao bem para o amigo e possui uma estrutura de durabilidade. O objetivo proposto é o bem em si mesmo e ao próximo. A amizade perfeita só seria possível entre as pessoas boas e de caráter virtuoso. Dessa maneira, Aristóteles conceitua amizade como:

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Os que desejam bem os seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão de sua própria natureza e não acidentalmente. Por isso sua amizade dura enquanto são bons, e a bondade é uma coisa durável (EN, VIII, 1156b, 5-10).

A amizade perfeita é desenvolvida dessa forma como sendo aquela que existe entre as pessoas boas e, de igual modo, virtuosas. Assim, por serem bons, os amigos que têm como base essa espécie, de amizade desejam e fazem o bem em benefício um do outro. Além disso, o bem recíproco só é possível entre indivíduo que possuem a mesma igualdade de bondade.

Por isso, essa amizade não é constituída acidentalmente como acontece na utilidade e no prazer. Portanto, amizade perfeita para Baldini:

[...] é aquela dos homens de bem e dos semelhantes na virtude. Eles de fato se querem bem reciprocamente enquanto são bons, e são bons de per si, e aqueles que querem bem aos amigos justamente por serem amigos, são verdadeiros amigos, por isso, sua amizade continua na medida em que eles são bons e, por um lado, a virtude é algo estável (BALDINI, 2000, p. 64).

A amizade virtuosa acontece entre homens de bem e que são semelhantes, por isso que há uma reciprocidade entre os amigos pelo fato de serem virtuosos. E nessa espécie de amizade acontece um verdadeiro exemplo de como podemos ser amigos por virtudes, por isso que ela é considerada duradoura. No entanto Aristóteles enfatiza que:

Amizade entre homens bons, e só ela, também é invulnerável a calúnia, pois não damos ouvido facilmente às palavras de qualquer um a respeito de um homem que durante muito tempo submetemos à prova; e entre os bons que são encontradas a confiança, o sentimento expresso pelas palavras” ele nunca me faria uma deslealdade. (EN, VIII, 1157a, 20).

A amizade perfeita é difícil de se encontrar entre os indivíduos, pois só nela não encontramos calúnia, porque não nos deixamos ser induzidos por falsas conversas. Assim nesse tipo de amizade encontramos a verdadeira confiança e não a deslealdade. Ortega (2002, p. 40) esclarece que a amizade perfeita “[...] é um fim em si mesmo e não um meio para atingir algum fim, como no caso das amizades baseadas no agradável ou na utilidade”.

Segundo Aristóteles (EN, VIII, 1157b, 10) nessa espécie de amizade “[...] a distância não rompe a amizade em absoluto, mas apenas a sua atividade. Todavia, se a ausência dura muito tempo, parece realmente fazer com que os homens esqueçam a sua amizade”. Por isso, esse tipo de amizade é considerado perfeito. Para Baldini:

Os homens de bem são tais num sentido absoluto, e ao mesmo tempo são reciprocamente úteis. E assim também são agradáveis; de fato, os bons em geral são também reciprocamente agradáveis; pois, a cada pessoa são agradáveis aquelas ações que são conformes, ou correspondentes à sua maneira de pensar; e as ações dos homens são idênticas ou parecidas (BALDINI, 2000, p. 64).

Percebe-se que as pessoas que fazem ou conquistam amizades “perfeitas” são de fato boas e, por isso, representam uma bondade para os seus amigos; e por ambos serem bons é que surge a reciprocidade entre eles. Contudo, esse tipo de *Philia* é considerado estável ou

duradouro, pois entre os amigos dessa espécie se encontram todas as qualidades almejadas em uma amizade, porque nela não há sinal de falsidade e ambos se amam. O Estagirita ao se referir sobre a escassez dessa amizade na *Ética a Nicômaco* afirma que:

É natural que tal amizade não seja muito frequente, pois que tais homens são raros. A cresce que uma amizade dessa espécie exige tempo e familiaridade. Como diz o adágio popular os homens não podem conhecer-se mutuamente enquanto não houverem “provado do sal juntos”, e tampouco podem aceitar um ao outro como amigos enquanto cada um não parecer estimável ao outro e este não depositar confiança. (EN, VIII, 1156b, 25-30).

Portanto, nesta espécie de amizade é natural que não exista muitos homens que tenham esse tipo de amizade, porque é muito raro tem pessoas com essa virtude. Além do mais se exige um tempo e familiaridade para forma uma relação de intimidade e de confiança. Enfim nesse tipo de amizade se amam pelo que a pessoa é, por causa da sua essência, e não pela utilidade ou prazer. Além disso, Warken enfatiza dizendo que:

Mesmo que a amizade fundada na virtude seja a mais excelente forma de amizade, ela não ocorre com frequência, e quando ocorre tende a ser permanente, até porque cada um encontra no outras todas as qualidades que um amigo deve ter (WARKEN, 2005, p. 75).

Visto que essa espécie de amizade pode ser considerada como uma virtude essencial aristotélica, desse modo ela traz ao indivíduo uma felicidade de viver bem. Para Aristóteles (EN, VIII, 1163a, 20), “[...] na amizade que se baseia na virtude, por outro lado não surgem queixas, mas o propósito do benfeitor é uma espécie de medida, pois no próprio sítio reside o elemento essencial da virtude e do caráter”.

As pessoas que constroem ou conquistam amizade perfeita são de fato boas e, por isso, apresentam uma bondade para seus amigos. Deste modo, conforme provoca o problema de pesquisa deste trabalho vamos dando passos, mostrando que saindo da vida prazerosa conseguiremos uma vida virtuosa. Podemos notar que a amizade virtuosa é de fato uma boa causa para deixamos uma vida prazerosa, mais isso consegue-se colocando em prática aquilo que Aristóteles demonstrar que é amizade virtuosa. Desta forma Moraes Neto assegura que:

As pessoas amigas com base na virtude mostram-se ansiosas por fazer bem umas às outras. Isto é característica tanto da virtude quanto da amizade. Entre pessoas que se cultivam reciprocamente neste procedimento não pode haver queixas ou briga; pessoa alguma é ofendida por outra que a ama e lhe faz bem, ao contrário, a “vingança” de uma pessoa de bons sentimentos é

fazer bem à outra. Uma pessoa que supera outra nos benefícios que lhe proporciona não se queixará de seu amigo, já que obtém aquilo que deseja, e o que todas as pessoas desejam é o bem (MORAES NETO, 1999, p. 53).

Compreende-se que as pessoas que são virtuosas querem sempre fazer o bem para si e para o outro, porque essa é umas das características da amizade perfeita. Portanto as pessoas que tem como base esse tipo de amizade não haverá queixas e nem mesmo querer se vingar do outro, por que já está satisfeito com aquilo que tem.

Certamente a amizade é considerada um bem superior por se tratar de uma virtude. Desse modo ela é causa de felicidade, por isso pode-se afirmar que a felicidade verdadeira depende da relação de amizade entre as pessoas. Entretanto a amizade virtuosa é baseada em um crescimento ético que acontece através das ações conjuntas, de cooperação, implicando em igualdade. A essência da amizade é compartilhar e nela o homem encontra a mesma relação de respeito ao amigo e também respeito consigo mesmo, essa relação que conduz a pessoa a virtude. Dessa forma o Estagirita conclui que:

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, assim como não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo, e não sucede facilmente que muitas pessoas, ao mesmo tempo, agradem muito a um indivíduo só, ao mesmo, talvez que pareçam boas aos seus olhos (EN, VIII, 1158a, 10).

Consequentemente, então, percebemos que não podemos ter muitos amigos no sentido de amizade perfeita, assim também não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo, porque isso vai sendo construído ao longo do tempo, isso tudo é um processo que vai sendo adquirido a certo período. Por conseguinte, a amizade virtuosa não há distância entre os indivíduos, por isso que as pessoas podem serem verdadeiramente o que é. Diante disso, é na experiência da amizade virtuosa que podemos nos avaliar se realmente somos amigos verdadeiros ou apenas companheiros e assim podemos mostra que estamos sendo realmente autênticos em nossas relações, pelo fato que essa amizade nos ensina a viver bem eticamente.

Por conseguinte Ortega (2002, p. 42) no relata que “[...] a prática da amizade é constitutiva da comunidade de vida, a reflexão da amizade se insere na reflexão sobre a vida filosófica. Na comunidade dos amigos, os homens virtuosos tornam-se ainda mais virtuosos”. Destarte, Lara esclarece o conceito de amizade dizendo:

Uma vez que, na amizade perfeita os verdadeiros amigos são unidos no que há de essencial, são semelhantes em virtudes, desejam igualmente o bem

mútuo, e enquanto há bondade, há amizade, e se já não há virtude na amizade e nem bondade, já não haverá a perfeita e verdadeira amizade. Se observarmos, veremos que na amizade perfeita, sem nem mesmo esperar encontra-se a bondade própria e específica dessa espécie de amizade, encontrando tudo o que há nas outras e muito mais (LARA, 2009, p. 50).

Nota-se que a amizade perfeita tem um ponto essencial que é o amor de si e do próximo, isso por que é uma amizade virtuosa, nela podemos encontrar a bondade do outro. Deste modo, essa espécie de amizade as relações podem se sustentarem por causa da virtude que cada indivíduo possui, pois, a base principal dela é o amor recíproco.

Portanto, essas três espécies de amizade, percebemos que elas têm uma ordem crescente, pois a amizade por utilidade e por prazer estão no mesmo nível. Mas se diferenciam porque uma busca o caminho da utilidade e a outra busca o prazer, no entanto ambas são parecidas pelo fato de que elas são fáceis de romper e os envolvidos por elas são tratados apenas como instrumentos de satisfação. Já no que diz respeito a amizade perfeita destaco que nela encontramos um verdadeiro exemplo de virtude que é a bondade para si, e para o outro que podemos caracterizar como amor. Diante disso podemos denota que a amizade perfeita é o ponto principal da amizade Aristotélica no livro VIII e IX da obra *Ética a Nicômaco*.

4 AMIZADE COMO CONDIÇÃO DA COMUNIDADE

No terceiro capítulo demonstraremos o conceito de comunidade para Aristóteles, posto que é fundamental compreender a definição dela para entendermos que a comunidade necessita de pessoas amigas, uma vez que a amizade é de grande importância para as relações na vida comunitária e que conduz a um bom e recíproco relacionamento. Mostraremos a relação entre as virtudes e de que maneira elas contribuem para as boas relações em comunidade, sendo que nesta análise fizemos as relações tanto da justiça como da amizade. Por fim, falaremos do papel das virtudes na comunidade, ao passo, que mostraremos o papel imprescindível das virtudes: chegar à felicidade.

4.1 A comunidade para Aristóteles

Uma comunidade possui muitas relações, e estas visam às virtudes, do modo que as pessoas possam viver uma vida boa. Da mesma forma com a amizade, que sempre tem por meta conduzir o homem a ser virtuoso. Em vista disso, nosso trabalho visa à vinculação da amizade entre duas pessoas, já que é notória a defesa feita por Aristóteles do conceito de amizade, entre duas ou mais pessoas numa comunidade. Tais relações só são possíveis, então, numa comunidade porque as pessoas apresentam um vínculo de amizade (EN, IX, 1169b). Assim, a amizade predispõe a forma de excelência moral e funda-se no bem. Em vista disso, a melhor maneira de possuir a felicidade é garantindo um bom relacionamento na comunidade, ali mesmo onde se pode definir o modelo de amizade para viver bem na comunidade. Daí que a necessidade da boa convivência é de capital importância para uma cidade, que forma, por sua vez, a estrutura da comunidade. Aristóteles, por isso, afirma:

Vemos que toda a cidade é uma espécie de comunidade, e toda comunidade se forma com vistas a algum bem, pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vistas ao que lhe parece um bem, se todas as comunidades visam a algum bem, é evidente que a mais importante de todas elas e que inclui todas as outras tem mais que todas este objetivo e visa ao mais importante de todos os bens, ela se chama cidade e é a comunidade política (POLITICA, I, 1252a).

A comunidade é, portanto, constituída visando a algum bem: o bem da justiça, do amor, da liberdade, da amizade etc. As ações referem-se, neste caso, às práticas de conseguir um bem, segundo o que elencamos anteriormente. Por este princípio, a comunidade política

põe-se do lado das ações moralmente boas. Aqueles que cooperam em direção a esse tipo de comunidade têm maior participação na *pólis*. Portanto, o bem-viver pressupõe uma acessível vida na comunidade; sendo assim, a *pólis* similarmente precisa estar em condições de garantir a fácil vida de seus componentes na comunidade (RICKEN, 2008). Neste sentido, a amizade constituída na comunidade tem por objetivo alcançar a bondade entre os indivíduos, de forma que ela transpareça a relação virtuosa de uma vivência comunitária. Por esse motivo, Ricken destaca algumas pontes necessários em uma comunidade:

O que reúne as pessoas são as necessidades e o fato de que sozinhas elas não são capazes de satisfazê-las. Com dois médicos não se forma uma comunidade, mas com um camponês e um médico sim. Com isso Aristóteles enfatiza o significado positivo do que é material. Não apenas aquilo que precisa de restrição por meio de uma regra, mas o que permite que as pessoas, em primeiro lugar, se reúnam num relacionamento. Só porque ele mesmo tem a necessidade é que o ser humano é motivado a reunir-se com outras pessoas, num intercâmbio de esforços (RICKEN, 2008, p. 123).

A comunidade é um convívio com o outro, porque a partir daí tenho a oportunidade de fazer as minhas ações e satisfazer aquilo de que necessito na comunidade. Por este motivo, a comunidade qualifica as pessoas como seres sociais, capazes de viverem juntos, compartilhando mutuamente seus sentimentos. A comunidade acontece por meio da justiça e só com ela adquire consistência. A norma da justiça é explicada teleologicamente pelo bem da comunidade ou pela participação, ela é condição essencial de todo modelo de comunidade (RICKEN, 2008). Aristóteles considera, então, que é de essencial possuir amigos na comunidade, porque seria impossível viver na comunidade sem eles (EN, VIII, 1155a, 5-10). A boa convivência na comunidade é causa de uma grande felicidade. A propósito, Aristóteles esclarece:

Essa felicidade não será conseguida se não habitarem os homens um só e único lugar, e se não se recorrer aos casamentos. E eis aí o que originou, nos Estados, as alianças de famílias, as fratrias, os sacrifícios comuns e os divertimentos que acompanham tais reuniões. Todas essas instituições são obras de uma benevolência mútua. É a amizade que conduz os homens à vida social. O escopo do Estado é a felicidade na vida. Todas essas instituições têm de fim a felicidade. A cidade é uma reunião de famílias e pequenos povoados associados para gozarem em conjunto uma vida perfeitamente feliz e independente. Mas bem viver, segundo o nosso modo de pensar, é viver feliz e virtuoso. É preciso, pois, admitir em princípio que as ações honestas e virtuosas, e não só a vida comum, são o escopo da sociedade política (POLÍTICA, III, V, 1280b-81a, 35-5).

Por tal pensamento observa-se que a constituição da comunidade é necessária, já que é por meio dela que alcança o fim último, que é a felicidade. E é por intermédio da amizade que a pessoa se insere no meio da sociedade. A comunidade consiste em que os indivíduos se amparem mutuamente na efetuação de seus empenhos naturais, pois os benefícios numa comunidade estão ligados inteiramente ao indivíduo, uma vez que o modelo mais elevado de comunidade humana está relacionado ao conhecimento mútuo, no qual os indivíduos desenvolvem a amizade (RICKEN, 2008).

O pensamento de Aristóteles sobre amizade na comunidade, possuem uma a ligação existente entre os indivíduos de forma que todos buscam um caminho em comum que é o caminho da virtude (EN, VIII, 1159b), o nascimento da amizade se dá na comunidade e esta é de fundamental importância para as pessoas que têm bons objetivos e desejos de conquistar amigos. É na comunidade que elas fazem o possível para conhecer o outro, com o objetivo de encontrarem boas amizades para uma saudável convivência.

É importante lembrar que todas as formas de comunidades visam a um bem determinado; aquele que é o mais dedicado de todos, engloba outros, e tem como finalidade atrair a virtude; pode, enfim, sobressair dentro de uma comunidade sobre todos os outros por buscar ser virtuoso (PEGORARO, 2008). Assim, o que percebemos é que uma comunidade não deve ser somente um espaço de vivência, mais um lugar onde as pessoas convivam virtuosamente, porque é notório que a comunidade contribui no relacionamento da amizade e, por conseguinte, para a felicidade

4.2 Relação entre as virtudes

As virtudes pertencem à esfera humana, na integridade de sua prática para o bem e em vista da felicidade para uma comunidade. O processo de realização das virtudes se concretiza na relação da existência com o outro na comunidade. Portanto, se não existissem as relações humanas, as virtudes não teriam qualquer sentido. Junior pontua o argumento:

As virtudes se realizam no atuar em alteridade, na organização social e em trazer presente o bem melhor e a felicidade humana nas diversas circunstâncias e contextos, aos quais a disposição de caráter é submetida. Como os âmbitos das ações humanas são diversos e as circunstâncias são múltiplas, as disposições de caráter são distintas e harmoniosas para que as virtudes sejam vividas nas diversidades das relações humanas, que também, por sua vez, são distintas (JUNIOR, 2012, p. 39).

Percebe-se que as virtudes são efetuadas na distinção da organização da sociedade e elas podem levar a bondade e a felicidade para relações humanas na comunidade. Segundo Junior (2012, p. 100), “[...] o justo produz e salvaguarda a felicidade para si e para a comunidade”. A amizade tem um grande valor em uma comunidade, porque com essa virtude a relação das pessoas se tornará mais harmoniosa e virtuosa, tudo isso de forma justa, pois, é a amizade que levar o indivíduo ao caminho da vida boa, através da justiça. Em meio das variadas virtudes segundo Junior, Aristóteles indica uma das principais:

A justiça, como virtude ética, é que modera e dá a justa medida a todas as demais virtudes dentro das suas circunstâncias e, como disposição a caráter, é o fundamental para o agir no momento em que faz necessário moderar entre os excessos e defeitos, e comedir os desejos, as paixões e apetites. Desta forma, a justiça concentra as excelências das virtudes por ter no seu bojo todas as demais virtudes e ser a mais eficaz (JUNIOR, 2012, p. 40).

Notamos que a justiça é conveniente como excelência das virtudes éticas porque faz parte do meio da natureza social e é ela que conduz todas as outras virtudes dentro de uma comunidade. O filósofo examina a justiça ao lado da amizade e verifica que há uma estreita ligação entre as duas, porque ambas têm o propósito de chegar à vida feliz. Aristóteles, porém, considera a amizade mais importante, pois as pessoas “[...] quando são amigas não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade; e considera que a mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade” (EN, VIII, 1155a, 25); já que a “[...] amizade precisa de amor mútuo e bem-querer mútuo, que devem encontrar sua expressão visível para não terem relações ocultas” (RICKEN, 2008, p. 165). O Estagirita fala da justiça nos seguintes termos:

Todos os homens entendem por justiça aquela disposição de caráter que torna as pessoas propensas a fazer o que é justo, que as faz agir justamente e desejar o que é justo, e do mesmo modo por injustiça se entende a disposição que leva a agir injustamente e a desejar o que é injusto (EN, V, 1129a, 5-10).

Aristóteles, em resumo, caracteriza a justiça como disposição de caráter que conduz o indivíduo a fazer atos justos e denomina injustiça os atos feitos injustamente. Dessa maneira, a justiça conduz o amigo a praticar atos justos, sendo que a amizade por si só encaminha a justiça conduz o amigo a praticar atos justos, sendo que a amizade por si só encaminha também para a justiça, de modo que chamamos justos aqueles que geram e guardam a felicidade para a vida em comunidade (EN, 1129b, 15-20). Mas é preciso que uma sociedade de modo geral zeie com maior cuidado pela amizade, pois é através dela que podemos garantir uma forma de justiça válida. O caráter justo de uma pessoa se manifesta

fundamentalmente em ações justas (WOLF, 2010). Aristóteles concorda, portanto, em elencar a justiça como uma das principais virtudes:

[...] justiça é, portanto, uma virtude completa, porém não em absoluto e sim em relação ao nosso próximo. Por isso a justiça é muitas vezes considerada a maior das virtudes, e provavelmente, “na justiça estão compreendidas todas as virtudes”. E por isso ela é a virtude completa no pleno sentido do termo, por ser o exercício atual da virtude completa. É completa porque aquele que a possui pode exercer sua virtude não só sobre si mesmo, mas também sobre o próximo (EN, 1129b, 25-30).

Ao caracterizar a justiça como uma virtude completa é importante perceber que ela está estreitamente relacionada com a amizade, pelo fato de que aqueles que detêm essas duas virtudes, operam com suas dádivas não apenas sobre si mesmos, mas também com outros. Portanto, não é só a justiça que visa ao outro, também a amizade, que visa exclusivamente à relação com o outro a fim de viverem virtuosamente na comunidade. Por isso o autor da *Ética a Nicômaco* considera a amizade mais importante que a justiça, e ao mesmo tempo necessária, pois quem possui a amizade, tem mais chances de ser conduzido à justiça. Dessa maneira, podemos dizer que a amizade como uma virtude ética é o ideal para uma vinculação entre indivíduos que não sejam determinados pela justiça, mas sempre pelo crescente esforço numa comunidade (RICKEN, 2008).

E é por isso que se entende que a justiça aqui, é colocada em proporção à amizade por se dirigir a uma comunidade política, que visa um ideal comunitário, abrindo mão de interesses particulares para um ideal comum vivido na coletividade através de associações e organizações sociais em vista desse Bem Comum vivido em comunidade. Somente nessa dimensão a amizade busca a efetivação da justiça e da política na comunidade. E é nessa experiência de amizade que se elucida o sentido de ser justo e consequentemente da partilha, de modo, que há uma relação estreita entre amizade e justiça (LOPES, 2012, p. 11).

Na relação de comunidade, que compreende o sentido de ser justo com os outros e ao mesmo tempo a importância da partilha, percebemos que amizade e justiça estão simultaneamente próximas. Em suma, não podemos ser amigos sem praticar a justiça, pois estaríamos restringindo a justiça ao eu e excluindo dela o outro. Aristóteles acrescenta:

Somente a justiça, entre todas as virtudes, é o “bem do outro”, visto que se relaciona com o nosso próximo, fazendo o que é vantajoso a um outro seja um governante, seja um associado. Ora, o pior dos homens é aquele que exerce a sua maldade tanto para consigo mesmo como para seus amigos, e o

melhor não é o que exerce a sua virtude para consigo mesmo, mas para com outro, pois que difícil tarefa é essa (EN, V, 1130a, 5).

Visto que o Estagirita pensa em justiça como algo para o outro, a vantagem virtuosa de um ato justo deve ser para a outra pessoa e não para si próprio. Sob tais condições, a boa justiça é aquela que direciona a um trabalho difícil, no entanto, a justiça é vista como uma virtude por excelência. Do mesmo modo a amizade é um componente muito importante para a vida do homem e da mulher em sociedade, porque vai se basear no que o outro é, propiciando uma convivência entre eles, estendendo o exercício da justiça e da vida virtuosa na comunidade. Ricken afirma:

A amizade como virtude depende da norma do que é justo, nesse sentido a amizade precisa necessariamente ser completada pela justiça. Só a justiça pode decidir corretamente os conflitos entre amigos ou com terceiros. Por outro lado, as normas específicas da justiça são condicionadas pela respectiva forma de amizade, a comunidade. Para as relações entre pais e filhos valem outras normas de justiça do que entre irmãos ou entre dois amigos por caráter (RICKEN, 2008, p. 174).

Para Ricken, amizade e justiça têm uma correlação, uma completa a outra, de modo que ambas se dão na comunidade ou mesmo em toda a sociedade, e estas são de fundamental importância para as pessoas que têm como meta conquistar o mundo virtuoso. Aristóteles explicita a relação que existe entre amizade e justiça nesses termos:

A amizade e a justiça parecem dizer respeito ao mesmo objetivo e manifestar-se entre as mesmas pessoas. Com efeito, em toda comunidade pensa-se que existe alguma forma de justiça, e igualmente de amizade; pelo menos, os homens dirigem-se como amigos aos seus companheiros de viagem ou camaradas de armas, e da mesma forma aos que lhes associam em qualquer outra espécie de comunidade. E até onde vai a sua associação vai sua amizade, como também a justiça que entre eles existem (EN, VIII, 1159b, 25).

Nota-se que na amizade e na justiça descobre-se toda forma de associação. O que Aristóteles quer nos mostrar é que a amizade e a justiça possuem os mesmos propósitos e se apresentam nas mesmas pessoas. Desta forma, os indivíduos de uma comunidade, sempre se relacionam através da amizade e da justiça, de forma que ambas levarão as pessoas a caminharem para a felicidade, excluindo qualquer forma de prazer desordenado, porque fazem opção pela virtude. Ricken enfatiza:

A amizade como virtude inclui necessariamente a virtude da justiça e com isso satisfaz a exigência moral de universalidade ou igualdade. As pessoas envolvidas num relacionamento de amizade são sempre e ao mesmo tempo membros de comunidades mais abrangentes. A exigência da justiça é indispensável, ela não pode se limitar, na amizade por benefício, a igualdade das vantagens mútuas dos dois parceiros, mas deve levar em conta todas as relações sociais que há num ser humano (RICKEN, 2008, p. 174).

Por trás das relações entre amizade e justiça existe um caminho de reciprocidade. No ambiente da comunidade, a justiça não pode se restringir à amizade em próprio benefício, de maneira que exige-se igualdade entre as duas. Em contrapartida, as reivindicações de justiça aparentam estender com maior intensidade a amizade, de modo que amizade e justiça existem nas mesmas pessoas e possuem a mesma dimensão (MORAES NETO, 1999, p. 44). A relação entre amizade e justiça parece ser muito próxima, uma vez que ambas têm um conjunto de características semelhantes, como destaca Ricken:

Aristóteles enfatiza que ambas são essenciais para toda forma de comunidade. Por isso, a tarefa mais importante da política é promover a amizade. As duas posturas referem-se ao mesmo âmbito, isto é, aos bens naturais. A amizade não é possível sem justiça; as pessoas que cometem injustiça umas contra as outras não podem ser amigas. Por outro lado, junto com amizade cresce também a justiça; os verdadeiros amigos não cometem injustiça uns contra os outros... Todo golpe contra a justiça representa um dano para o outro, pois Aristóteles enfatiza que, assim como a justiça, a amizade completa baseia-se na igualdade. Com propósito de fazer o bem para o outro (RICKEN, 2008, p. 139).

Consequentemente, ambas se assemelham ou estão muito próximas, embora entre elas haja diferença quanto aos propósitos. Dado que um indivíduo é justo na proporção em que, na sua ação, delibera segundo o propósito de fazer o que é justo; na amizade cada pessoa tem a intenção de fazer o bem para outro, pelo bem do outro, pois ele é um indivíduo moralmente bom. Sendo assim, na contrariedade entre elas é que a ação por amizade acontece pelo bem de outra pessoa, e por justiça, pelo bem das regras (RICKEN, 2008).

Portanto, amizade e justiça têm uma grande relação no âmbito da comunidade. Ambas procuram levar os indivíduos para o caminho da vida virtuosa; e em última análise, o objetivo principal das duas é conduzir as pessoas a uma vida feliz. Não desconsideramos, porém, a ideia de que a amizade tem grau superior se compararmos em absoluto com a justiça, isto em razão de que, por si só, conduz o indivíduo a fazer ações justas numa comunidade. Ao mesmo tempo, uma comunidade sem amizade e justiça é uma comunidade sem uma relação do bem-estar com o outro.

4.3 O papel das virtudes na comunidade

As virtudes, para Aristóteles, têm o papel de alcançar a felicidade humana e o bem-estar sob a perspectiva da liberdade e ações práticas na vida da comunidade. Por isso, as virtudes tendem para o bem do homem e para a boa ordem social. A atividade social, com a prática das virtudes, compreende-se a partir da permanência do homem virtuoso na comunidade e seu bem viver como busca da felicidade. Estas ações, por sua vez, levam a comunidade política a ser bem ordenada, visto que as ações dos homens levam à prática das virtudes e à excelência ética (JUNIOR, 2012). Junior afirma:

As excelências das virtudes não são adquiridas pela natureza, mas pela habituação: “torna-se justo praticando atos de justiça”. Pela natureza, recebe-se a capacidade de aperfeiçoar as virtudes, e elas são aperfeiçoadas pelos hábitos de escolhas deliberadas pelo sentido orientador de pessoas livres (JUNIOR, 2012, p. 52).

Compreende-se as virtudes na comunidade não são adquiridas pela própria natureza, mas pela habituação de cada indivíduo na comunidade. De igual modo a amizade, que podemos alcançar praticando atos bons um ao outro, de forma que ela é uma das virtudes constantes e duráveis, capaz de ajudar as pessoas a praticar atos virtuosos na comunidade. Portanto, as atividades para a prática das virtudes dependem muito de uma organização da comunidade, do modo como os indivíduos consigam desenvolver atos virtuosos (JUNIOR, 2012, p. 59). Na comunidade tende a existir uma correlação, como explica Aristóteles:

As relações amigáveis com seu semelhante e as marcas pelas quais são definidas as amizades parecem proceder das relações de um homem para consigo mesmo. Pois as virtudes são exatamente as propriedades cuja posse concede a pessoa alcançar a felicidade na comunidade (EN, IX, 1166a, 5).

Percebe-se que para uma relação saudável com o próximo é necessária, antes, uma boa relação consigo mesmo. Para ser uma pessoa feliz dentro da comunidade, é preciso apropriar-se das virtudes. Em vista disso podemos nos perguntar: o homem feliz dentro de uma comunidade necessita ou não de amigos? Aristóteles conclui:

Parece estranho, quando se atribui tudo o que é bom ao homem feliz, recusar-lhe amigos, que são considerados os maiores bens exteriores. E, se é mais próprio de um amigo fazer bem a outros do que ser beneficiado, e se

dispensar benefícios é característico do homem bom e da virtude, e é mais nobre fazer bem a amigos do que a estranhos, o homem bom necessitará de pessoas a quem possa fazer bem. E por esta razão se pergunta se necessitamos mais de amigos na prosperidade ou na adversidade, subentendendo que só um homem na adversidade precisa de quem lhe confira benefícios, mas também os prósperos necessitam ter a quem fazer bem (EN, IX, 1169b, 5-15).

Segundo Aristóteles (EN, IX, 1169, 15 -20), “[...] não menos estranho seria fazer do homem sumamente feliz um solitário, pois ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob condição de viver só, já que o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade”. Por esse motivo, o homem bom sempre viverá com a presença de outro, podendo possuir ele as coisas que são boas por natureza. E, nitidamente, é melhor passar os seus dias com amigos e homens bons na comunidade do que com estranhos ou com a primeira pessoa que aparecesse. Logo, o homem feliz necessita de amigos (EN, IX, 1169b).

As virtudes têm o papel prático de conduzir o homem com amigos para um caminho de uma vida virtuosa através da *Eudaimonia*, essa aplicação numa comunidade que tem por objetivo a realização do bem do homem pressupõe uma série de acordos dentro da comunidade a respeito dos bens e das virtudes. A vida feliz na comunidade a partir da relação é, então, ainda mais importante para conseguir ser virtuoso, de forma que não ultrapasse o limite da virtude, que é o excesso, e a prática do bem seja alcançada com hábitos praticados dentro da comunidade. Aristóteles destaca:

Um amigo virtuoso parece ser naturalmente desejável a um homem virtuoso. Com efeito, o que é bom por natureza, como dissemos, é para o homem virtuoso, bem e agradável em si mesmo. Ora, a vida é definida, quanto aos animais, pelo poder de percepção, e quanto ao homem, pelo poder de percepção ou de pensamento (EN, IX, 1170a, 15-20).

Compreende-se um homem bom, enquanto bom, quando se contenta com as práticas virtuosas na comunidade e se entristece com as más, bem como o amante da música sente prazer em ouvir belas melodias e se enfurece com as más. A presença de bons amigos na comunidade similarmente nos presenteia certa educação na virtude (EN, IX, 1170a).

O tipo de amizade evocada por Aristóteles tem um papel muito importante na comunidade, pois expressa o reconhecimento do bem. Essa atuação é, por isso, primordial e relevante para a composição de alguma forma de comunidade, seja ela de amigos ou de uma cidade. Sobre a quantidade de amigos que uma pessoa possa possuir numa convivência na comunidade, Aristóteles explica:

Os amigos também existem um número fixo talvez o maior número com que se pode conviver, e é evidente que não se pode conviver com muitas pessoas numa comunidade e dividir-se entre elas. Acresce que essas pessoas também devem ser amigas umas das outras, se têm de passar a vida juntas, e dificilmente tal condição será preenchida com um número elevado de indivíduos. E tampouco é fácil compartilhar as alegrias e os pesares íntimos de muita gente, pois isso importaria em sentir-se feliz com um amigo e em contristar-se com outro, simultaneamente (EN, IX, 1171a, 5-10).

Nota-se que convém não procurar ter um grande número de amigos, mas o necessário; tantos quantos forem suficientes para os fins do convívio da comunidade, pois ser um amigo de muitos indivíduos é coisa que se afigura improvável. Por isso não podemos amar muitas pessoas ao mesmo tempo (EN, 1171a). Em vista disso, precisamos idealizar a amizade sendo a partilha de tudo o que há em comum no projeto de criação e no sustento da vida do homem virtuoso na comunidade. Podemos dizer, ainda, que todas as virtudes estão em harmonia mútua e a harmonia do caráter de cada pessoa se reproduz no bem viver da comunidade.

A comunidade para Aristóteles é o lugar principal para alcançar as virtudes, mas isso só é possível pela prática das virtudes: indiscutivelmente conseguirei me relacionar bem dentro da comunidade, e assim serei um homem virtuoso. É de suma importância lembrar que a amizade é um dos principais elementos para a boa convivência na comunidade, pois é ela que pode levar a pessoa a amar o outro sem reclamações e tal amor é recíproco (EN, VIII, 1156b). Segundo Aristóteles, “[...] as comunidades, por conseguinte, parecem fazer parte da comunidade política; e as espécies particulares de amizade devem corresponder às espécies particulares de comunidade” (EN, VIII, 1160a, 30).

A comunidade é parte essencial na construção da amizade virtuosa, de modo que, para conviver na comunidade deixando o prazer e viver na virtude, é preciso praticar a virtude da amizade, nem em excesso e tampouco em escassez, mas buscando continuamente um equilíbrio dessa virtude. Ao passo que a forma mais adequada de conseguir essa virtude é praticando-a e sendo verdadeiro consigo mesmo e com o outro. A vida boa na comunidade precisa necessariamente da virtude da amizade porque ela conduz os indivíduos a exercerem atos virtuosos.

Enfim, podemos concluir que a amizade em si é uma virtude proporcional à comunidade, pois não conseguiríamos viver e ao mesmo tempo ser felizes se não tivéssemos amigos para compartilharmos nossas dificuldades e conquistas. Pois acreditamos que a amizade pode conduzir as pessoas a saírem de uma vida simplesmente prazerosa para a vida virtuosa, de modo que ela é uma virtude concomitantemente necessária para uma vida boa na

comunidade, e ao passo que sem ela poderíamos até ser felizes, mas nunca completamente, pois a amizade dá-nos a plenitude da felicidade.

A amizade é consagrada por Aristóteles como sendo uma virtude, e ela é indispensável e de elementar importância na vida das pessoas para convivência na comunidade. Em razão disso, nenhum indivíduo vive sem ter amigos, ainda que estes fossem ricos, e possuíssem outros bens, e suas riquezas fossem o motivo de felicidade, pois não adiantaria ter muitos bens ou ser rico se não há com quem dividir a alegria de possuir tais coisas.

Deste modo, a amizade virtuosa é aquela em que os amigos convivem e partilham dos mesmos planos, das mesmas alegrias, e da mesma tristeza, por isso que a amizade é também considerada como um ato de reciprocidade. Desta forma, essa virtude é de primordial importância para a comunidade, ao modo que, a amizade conduz a pessoa para fazer atos justos e viver uma vida feliz, na relação com os outros e consigo mesmo para ser direcionada para uma vida virtuosa.

Podemos considerar que a amizade tem uma relação com várias outras virtudes, pois se trata de uma relação efetiva entre elas por natureza. E essa relação é que favorece o viver bem na comunidade, e, sobretudo porque ela possibilita a união entre as pessoas na comunidade. Em conformidade com que nos propusemos no objetivo geral, foi feita uma pesquisa da compreensão de amizade a partir do pensamento de Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco*, da mesma foi feita uma análise sobre os três níveis de amizade, chegando à conclusão de que existe a amizade virtuosa que impulsiona o homem viver bem na comunidade. Não obstante, para as pessoas viverem uma vida boa na comunidade com base no pensamento aristotélico é necessário serem virtuosos, pois, esse nível de amizade só é viável entre homens bons.

Refere-se a uma amizade fundamentada na bondade, só é possível entre pessoas boas, e só vai existir entre os indivíduos virtuosos. Pois, é peculiaridade dos amigos dessa espécie, a vontade de estarem sempre juntos, uma vez que, um possibilita a felicidade ao outro dentro da comunidade ao passo que ambos agem de forma virtuosa, e assim a reciprocidade deve ser sempre um objetivo para aqueles que aspiram ser amigos virtuosos. Entretanto, uma boa relação de amizade dentro de uma comunidade é firmada com o diálogo e a convivência, pois este fator conduz uma familiaridade e uma intimidade por a amizade ser existente é perfeita.

Na amizade um fato muito importante é o diálogo, pois no início de uma relação de amizade as pessoas estão vulneráveis, e que faz sustentar um bom relacionamento é o ato da compreensão um do outro. Assim os amigos desejam serem entendidos no que falam e no que fazem, e é evidente que o amigo eficiente é capaz de perceber no outro o que passa,

especialmente se amizade for resultado de uma convivência mútua, visto que o amigo virtuoso sempre vai ajudar ao próximo procurar ser virtuoso, pois nessa relação, ele pode ensinar o caminho da virtude ao outro e ver que os prazeres em muitos momentos não são bons.

Esse estudo foi possível entender que o essencial valor da amizade na vida das pessoas nas comunidades e a importância dela para a sociedade, pois, a cidade onde os indivíduos são amigos os legisladores não se preocupa com a lei. A amizade é a causa de felicidade, principalmente para as pessoas que possuem amigos verdadeiros, ou seja, pessoas virtuosas. No entanto, a amizade é um modelo de justiça, logo, onde possui amizade não há necessidade de justiça, mas uma tem relação com a outra porque ambas são virtudes que, podem levar as pessoas para viverem de forma virtuosa numa comunidade.

Desse modo, é possível ser amigo com base na virtude daqueles que são bons em si mesmo na comunidade. A vista disso partilharão entre eles atividade de bondade, a convivência recíproca da virtude da amizade, onde só é válido na comunidade, por isso se diz que a comunidade é um espaço de se viver as virtudes e prática atos virtuosos, de modo que, a amizade é uma causa de felicidade para aquelas pessoas que valorizam essa virtude. Portanto, é notório que ser amigo numa relação dentro da comunidade é ser uma pessoa familiar ao outro, ser bondoso e principalmente possuir a prática de ser virtuoso.

Dessa maneira, podemos afirmar com segurança que quando se fala de amizade para se alcançar uma vida boa na comunidade, percebe-se uma ética do comportamento humano e ações práticas do conhecimento da ética. Em vista disso, a amizade se torna uma virtude a partir do momento que nós desejamos praticá-la. Dessa forma, que essa virtude não ultrapasse o excesso e tão pouco para escassez, porque nós temos que manter um equilíbrio das virtudes.

Por fim, concluo esse trabalho na certeza de que tanto o objetivo, como o problema almejado foi alcançado. O objetivo geral deste trabalho foi: Compreender como a amizade é essencial para vida boa em Aristóteles, explorando a concepção de amizade para Aristóteles e também compreensão dos níveis de amizade para se avaliar o quanto é importante a amizade na vida das pessoas na comunidade. Desse modo, o verdadeiro caminho que podemos alcançar com a amizade é o caminho de uma vida virtuosa, que me conduz para uma boa convivência e relação na comunidade. Portanto, ficou bastante nítido que a amizade virtuosa é que me conduz a viver uma vida boa na comunidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. 4 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2007.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco; Poética / Aristóteles**; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha — São Paulo: Nova Cultural, 1987. — (Os pensadores)
- _____. **Política**. trad. Mário da Gama Kury. 3º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- BALDINI, Massino. **Amizade e Filósofos**. Tradução por Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 2000.
- BARREIRO, M. F.; CARVALHO, A. B.; **A filosofia de Aristóteles: contribuições para a formação de professores na educação contemporânea**. Colloquium Humanarum, São Paulo, vol. 12, n. Especial, p. 1002-1008, 19 a 22 de outubro 2015.
- FANTINEL, F. S.; PEREIRA, R. B.; **Por que amizade**. *Ciberteologia Revista de Teologia & Cultura*, Caxias do Sul, ed. n. 32 – Ano VI, p. 39- 55, novembro/dezembro 2010.
- GIANNOTTI, José Arthur. **O amigo e o benfeitor**. *Analytica*, v. 1, n. 3, p. 168, 1996.
- JÚNIOR, Possidônio Ferreira Barbosa. **Justiça política e virtude ética**. Pará de Minas: Virtual Books, 2012.
- LARA, Renata de Oliveira. **A amizade na Ética a Nicômaco**. Fortaleza, 2009. Disponível em: << [http:// www. uece. br/cmaf/dmdocuments/dissertacao2009_ amizade_ética _nicomaco. Pdf](http://www.uece.br/cmaf/dmdocuments/dissertacao2009_amizade_etica_nicomaco.Pdf)>>. Acessado em: 06/03/2017.
- LOPES, Maria dos Milagres da Cruz. **O significado da amizade em comunidade de amigos na ética a Nicômaco**. **Belo Horizonte**. 2012. Disponível em: << [http:// www. fescfatic. edu. Br/ revista/index. php/82_ c321477e83722cc3fa7718e95fce5c4e](http://www.fescfatic.edu.Br/revista/index.php/82_c321477e83722cc3fa7718e95fce5c4e)>> Acesso em: 22/06/2017.
- MORAES NETO, Joaquim José de. **A amizade em Aristóteles**. Londrina: ed. UEL, 1999.
- OLIVEIRA, Andréa Coutinho Pessoa de. **A virtude da justiça no pensamento aristotélico**. / Andréa Coutinho Pessoa de Oliveira, - Fortaleza, 2009. Disponível em:<< http://www.uece.br/cmaf/dmdocuments/dissertacao2009_virtude_justica_pensamento_aristotelo.pdf>> Acesso em: 18/10/2017.
- ORTEGA, Francisco. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- PEGORARO, Olinto. **Ética dos maiores mestres através da história**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PERINE, Marcelo. **Quatro lições sobre a ética de Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2006

- PICHLER, Nadir Antonio. **As três formas de amizade na ética de Aristóteles**. IN: *Ágora Filosofia*, Universidade Católica de Pernambuco, Ano 4, n. 2, jul/dez, 2004, p. 193 a 207.
- RICKEN, Friedo. **O bem-viver em comunidade: a vida boa segundo Platão e Aristóteles**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- ROCHA, Narcisa Ferreira Lima. **O agir ético segundo Aristóteles**. Fortaleza, 2009. Disponível em: << <http://www.uece.br/cmaf/dmdocuments/dissertação2009-virtude-justiça-pensamento-aristotélico.pdf>>>. Acesso em 22/09/2017.
- SILVEIRA, Denis. **As virtudes em Aristóteles**. *Revista Ciência Humana- Educação*, Rio Grande do Sul, v.15, n.25, p. 1-27, 2000.
- UTZ, Konrad. **A Benevolência na definição aristotélica da amizade**. *Hypnos*, São Paulo, n.22, p. 35-60, 1º semestre 2009.
- WARKEN, Hilda Maria. **Significado ético da amizade na Ética a Nicômaco**, Dissertação Mestrado em Filosofia – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: << <http://www.repositório.ufc.br/handle/123456789>>>. Acesso em 23/04/2017.
- WOLF, Ursula. **A ética a Nicômaco de Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2010